

CIPRIANO CHIMBÁLADONGO

HÓSTIAS DE JERIKÓ





CIPRIANO CHIMBALADONGO FERRAMENTA, cujo pseudónimo literário Poeta dos Ossos, nasceu no Lubango, província da Huíla, aos 25 de Maio de 1988. Fez a sua formação pré-universitária no Colégio Baptista, curso de Ciências Físicas e Biológicas, e é Licenciado em Ciências da Educação, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação-Huíla, na Opção de Ensino da Biologia. É professor de profissão, colocado à leste da província, no município da Jamba. Publicou, em 2022, o livro de poesia KRATERAS, pela Chela Editora. É, também, autor da obra discográfica SANZALA (rapper). Participou da antologia poética SONHOS E ESPERANÇA. Além de professor, é poeta, rapper, activista cívico e sindicalista.

HÓSTIAS DE JERIKÓ

O Hábito do exibicionismo e
os *ismos* do sublevacionismo na
bacia tridimensional do barro

CIPRIANO CHIMBALADONGO

HÓSTIAS DE JERIKÓ

O Hábito do exibicionismo e
os *ismos* do sublevacionismo na
bacia tridimensional do barro



HÓSTIAS DE JERIKÓ

Autor: Cipriano Chimbaldongo

Editor: Ximbulikha

Revisão Linguística: Adilson Torres Solundo e Ximbulikha

Projecto Gráfico e Diagramação: MERAKI (*somos-meraki@hotmail.com*)

Depósito Legal n.º: 12868/2024

ISBN: 9-789893-364031

Tiragem: 300 exemplares

Copyright ©2024by – Cipriano Chimbaldongo

Direitos reservados à Kusoneka Editora

Contactos:

Saurimo, Lunda-Sul, Angola

Bairro Sassamba Urbano, defronte ao Instituto Médio de Saúde, Edifício Josafat, 1.º andar, porta à direita

(+244) 921 654 677 / 925 152 565

kusonekaeditoralda22@hotmail.com

Facebook: Kusoneka Edições

Instagram: kusonekaedicoes.

Índice

Prefácio.....	7
Primeiro Banquete.....	15
[Primeiro Prato] Uma Epístola Para O Rei.....	17
[Segundo Prato] Quaresma.....	33
[Terceiro Prato] A Marcha Dos Oprimidos.....	36
[Quarto Prato] Num Ponto Único E Só.....	40
[Quinto Prato] A Lâmpada.....	45
[Sexto Prato] Gritos.....	49
[Sétimo Prato] <i>Urbes Ludimus</i>	57
 Segundo Banquete.....	 61
Na Sombra Das Ruas [Está A Primeira Sobra].....	63
Na Fogueira Da História [Queima-Se A Segunda Sobra].....	71
Penitência Dos Tristes [Na Terceira Sobra].....	73
Obesidade Oligárquica [Na Quarta Sobra].....	77
Latrinização Do Absurdo [Na Quinta Sobra].....	80
O Criador Não É Necessariamente Deus [É Sexta Sobra].....	82
Onde É Que Deus É Deus? A Montanha Não Dá Vida À Montanha [O Perdão Dá Vida À Sétima Sobra].....	87
As Providências Dos Carneiros Na Termodinâmica Da Raça [Enquanto O Lobo É A Oitava Sobra].....	88
Imperativos De Um Caminho Imaculado: A Montanha Dá Vida À Montanha [Na Nona Sobra].....	89
Uma Árvore Com Folhas De Poesia – A Montanha É A Vida Da Montanha [Na Décima Sobra].....	93

CIPRIANO CHIMBALADONGO

Terceiro Banquete.....	99
[Sangue De Cristo] No Cálice Das Três Da Manhã.....	101
[E Somos Todos] Musseques.....	104
[Ouçam Estes] Ecos Das Sepulturas.....	106
[Imagem] Ai.....	111
[Aqui, Onde] Dormimos Demais Por Angola.....	113
[Doutores Em] Isotopia Do Medo.....	117
[Enfim, Somos] Hóstias De Jerikó.....	120
Posfácio.....	123

PREFÁCIO

L'Etat c'est moi (O Estado sou eu)

– Luís XIV

Eis a voz dos sudras a ecoar à francesa, das catacumbas da penúria aos tímpanos de quem goste de emprestar os ouvidos às ruas desta índia africana cujos patricios pintam à vermelho, cada vez mais, os ventos dos tempos numa clara epifania da dinastia com aparências de uma longevidade que supera o Egito faraónico. As ruas são os livros que se podem ler fora do alfabeto e os mortos sempre pediram esclarecimentos sobre quando será a segunda vinda do Mestre (pelo menos, para Angola). Aqui, perguntam-se as cunhas de Moisés na distribuição do maná e a institucionalização da cleptocracia de Jacob a Labão.

O título em voga percorre o itinerário ingrime de um povo cujo palco respiratório dispõe de tudo para ter e ser tudo, mas esta Canaã foi entregue a Abraão do século XXI e só a ele pertence. Quanta pena metem os filhos de Agar e Quetura por verem ser-lhes negada a aliança pelo próprio pai! O leite e o mel que manam aqui, transformaram-se nas Hóstias de Jerikó. As hóstias que deveriam ser distribuídas para celebrar a eucaristia, eis que se transformaram do nada no vazio do cibório para suicídio do estômago de cada um de nós e, com ele, o desfalecimento de cada um dos compartimentos do corpo humano.

Nesta narrativa, Jerikó é um personagem fictício que encarna bem o deus humano eleito, igualmente por humanos transformados de eleitores para ovelhas, a fim de serem pastoreados por deus ora eleito, que se transmuta de humano eleito para deus-pastor. Revestido de todos os poderes, eis que o eleito se transfigura em Jerikó com todo o betão na matéria, no sangue e no cérebro, bem como circundado de muros que só o grito do alto destruiria, serve o seu rebanho com hóstias cujas espécies não condizem com as da última ceia. São, entretanto, as Hóstias de Jerikó que, não chegando à mesa dos angolanos, chegam, segundo dizem, a todos pela televisão.

Aqui, está descrito o cristo que cada um está obrigado a ser e a cruz onde somos pregados todos os dias sob olhar silencioso daqueles que se arrogam no direito de terem feito participação especial na criação e, por isso, reivindicam o título de «co-deuses» para si.

Neste livro, os mortos reivindicam a vida e discotem com deus sobre os atrasos da ressurreição, depois dos evangelhos proclamados no pleito, onde aprendemos a amarfanhar a própria vida num boletim a troco de um lugar à direita do pai. O pai, este Jerikó que aprendera a contratar anjos comunistas para pastorear o povo, depois de tantos verbos conjugados sobre a nossa ida aos céus, eis que se porta feito apocalipse anunciando-nos que toda a páscoa é consequência de uma morte e só haverá céus para quem experimentar a páscoa.

Aqui, estão condensados os passos da via-sacra de um povo que aprendeu a carregar a cruz sem o auxílio de nenhum Simão de Cirene. Um povo que, sozinho, descobriu os caminhos que dão para o calvário e, por isso, se empresta

lado ter sido já espatifado. O convite que nos é formulado nestes escritos, na verdade, é uma viagem raciocinativa que nos faculta o ensejo de compreendermos como foi que o pasto passou para o pastor e não para o rebanho. Nesta viagem a que somos chamados a embarcar, o desembarque é a indagação sobre como foi possível sem correntes aprisionar mais de trinta milhões de bípedes e como foi que se inverteu a ordem de os cães passarem a ser acorrentados à noite e soltos de dia.

Nesta reflexão, há um deus que desaprendeu a amar e, por isso, privatizou o pasto que a natureza doa ao rebanho. É preciso que os bois escrevam, requerendo por um pedaço de capim neste palco onde a natureza passou para os particulares. Há, aqui, um deus que deixou de ser trino, preteriu os céus, lutou com os anjos e, cheio de si, veio para esta terra com o fito de se colocar à testa de toda uma nação, cuja rigidez do *modus operandi* se equipara aos Muros de Jerikó, os muros caídos com os gritos do povo de Josué.

É incrível como o grupo nomeia o líder e absurdo como o líder exonera o grupo. O que era suposto fazer, tendo em vista a prossecução dos interesses supremos (interesses da maioria), eis que a maioria se sujeita ao particular, ao individual, ao único para suplicar pela manutenção do seu lugar no seio do colectivo, sob pena de se ser exonerado até de se ser povo.

Jerikó é, na verdade, o guia que se apresenta sob aparências dos anjos quando busca por uma cadeira nos céus. Uma vez alcançada a pretensão, nega-se ao seu passado de religiosidade e impinge os seus para que se lhe erijam altares e se lhe prestem cultos. Anula todo o verbo que conjugou no futuro e não reconhece os carpinteiros que reuniram pre-

HÓSTIAS DE JERIKÓ

gos e madeiras para lhe confeccionar o assento. Era suposto e expectável, no mínimo, que num palco tão rico, como o nosso, todosoubessemos e participássemos das missas com direito ao pão e ao vinho da terra que nos viu nascer. Infelizmente, para a nossa morte paulatina, eis que o celebrante da eucaristia monopoliza a hóstia, num claro espírito de descomunhão na comunhão.

Está aqui evidenciado o punho de ferro com que se guia um grupo de hominídeos proibidos a enxergar a evolução para a ira de Darwin. Este é o espelho onde nos é possível olhar para o passado, um passado que se confunde com o presente, que se prevê arrastar-se para o futuro. Aqui, tudo é passado! O palco ficou intransponível, pois os muros erigidos com os quais se vedou já não são semelhantes aos de Jerikó; Jerikó é o próprio líder do palco que se define, em simultâneo, com a própria vedação. Por isso, as hóstias por ele servidas não são aquelas recomendadas pelo Mestre segundo o qual quem as come jamais morrerá e, ainda que morra, viverá. Estas hóstias de Jerikó matam mesmo, pois se tornaram inalcançáveis. Tão inalcançáveis que estão à venda nos armazéns graças aos acordos árabo-angolanos. Quem diria! Hóstias fora do sacrário e à venda no mercado informal. Aqui, percebe-se, indubitavelmente, que só comunga quem tiver dinheiro.

Jerikó é, afinal, o salvador que mata, o messias longe das pofecias, o Maomé bantu que se acostumou ao ócio de não mais ir à montanha convicto de que a montanha vem, de facto, ao seu encontro. É o guerreiro que tudo tem para tirar do precipício centenas de milhares de almas, mas vê perigo no povo indefeso que no inimigo armado.

Há momentos na vida em que temos a oportunidade de pintar o quadro da história com cores inapagáveis no viver do nosso próximo em particular e no existir da sociedade em geral. Isto ocorre quando nos é dada a missão de conduzir os destinos dos outros e fazêmo-lo à semelhança do Mestre que serviu, mas não se serviu, tampouco foi servido. Estaria a história a vir ao nosso encontro e a escrever-se a si mesma. De modo contrário, é a história a negar-nos o espelho para não ver vergonha. É mais fácil apontar o que deveríamos ter feito e não fizemos do que olhar para o nada feito. O incompreensível é que isto é compreensível.

Esta é uma narrativa de ficção untada de elevado subjetivismo cuja estrutura textual resvala à prosa poética carregada de alegoria e estropo típico dos textos literários. Cada palavra destes escritos traz consigo um segredo, um mistério por desvendar. Esta narrativa é de toda fictícia quanto real. Aliás, foi a realidade que gerou a ficção aqui. O autor do livro serve-se do real vivido, de experiências quotidianas, da marcha do tempo, das incertezas da vida, do desespero, de tudo quanto ele ousou chamar «a marcha dos oprimidos», para construir esta narrativa. Tudo o que se lê aqui, lê-se nas ruas. Estamos na presença de uma «ficção verdadeira, material e real». É idealismo e materialismo num ponto só.

Convida-se, então, o caro leitor a encarar esta ficção como uma «ficção real», a fim de lhe proporcionar um olhar holístico sobre como foi que o mar se abriu para todos, mas só Moisés da época contemporânea o atravessou a pé enxuto, deixando o povo de deus à mercê das piranhas. Adentre nele, caro leitor, e descubra como foi que deus saiu e deixou-nos nas urnas para se apoderar das nossas igrejas. O convite está lançado!

HÓSTIAS DE JERIKÓ

É este o novo rebento de Cipriano Chimbaldongo, que nos apresenta um panorama do *modus vivendi* íngreme dos humanos que acreditaram na metanoia dos tempos, elegendo um senhor do destino que os levaria ao nirvana. Este, revestido de todos os poderes, coloca um lembrete no tempo, fazendo recordar a todos que todos somos filhos de Abraão, mas a aliança é com Isaac; todos somos filhos de Isaac, mas a aliança é com Jacob.

Bem haja ao autor, por transpor as barreiras impeditivas de enxergar o além e pela reflexão que nos proporciona! É uma viagem amarga, pois a estrada é sinuosa, mas é um presente merecido, pois esta é a chave com que se pretende abrir e desbloquear as portas que nos negam o céu. Eis as Hóstias de Jerikó!

Jamba, 08 de Fevereiro de 2024,

Justino Nazário, Professor e Poeta.

PRIMEIRO BANQUETE

[PRIMEIRO PRATO]
UMA EPÍSTOLA PARA O REI

...

Vossa Majestade,

A Pátria, tal como a definiu Jonas Savimbi, no exercício mais profundo de seu patriotismo “Iputa vietu”, quer dizer o nosso funge. O pirão é o poema artístico e denotativo da vida, na Pátria há a poeira lírica da poesia ancestral da existência; é alimento natural e diário da matéria que dá forma à alma de cada muangolé. Esta alma mater, além de ser um pedaço de terra, nesta vasta geografia que se chama África, metaforiza-se, também, no lodo jurídico das irregularidades verbais, assumindo o rosto pedagógico daquilo que comemos.

Há pedagogia e didática existencial nos alimentos

Majestade,

O homem, sendo o produto daquilo que come, realiza-se de forma satisfeita; expelindo energia libídica neste universo de vários infinitos. Sem sombra de dúvida, Sua divindade, somos, ao mesmo tempo, pátrias e universos em miniaturas. É energia que nos torna animados, para formar sinergias neste todo de partes. Não é por falta de mortalidade

que os outros afirmaram “primum viver, deinde filosofare” – primeiro viver, depois filosofar.

Esta vida, Majestade, enquanto filosofia, fez-se pátria diante daquilo que nos nutre. Não existe pátria sem alimentos, assim como não existe pátria sem filosofia. Consequentemente, não existe herói sem comida. A ausência de comida pressupõe ausência de heróis, a ausência de heróis anula a existência maviosa da pátria, porque pátria é alimento, alimento é substância orgânica da vida e a vida gera patriotismo, gera poetas, gera heróis, gera vidas – e vidas compartilhadas.

Embora antiga, o retrato da fome do século quatorze, a peste, ainda faz chão nos nossos dias. O cronista florentino Marchionne di Coppo Stefany, citado por Paolo Rossi na obra *Comer: Necessidade, Desejo, Obsessão*, escreve: “muitos morreram sem serem vistos e muitos morreram de fome, dado que quando alguém se acamava, os de casa, assustados, diziam-lhe: Vou chamar o médico e, após fecharem a porta, nunca mais voltavam”. Nenhuma existência viva faz ou fará sentido diante da fome. Fome é ausência qualitativa e quantitativa de comida, comida é presença de vida, vida é milagre cinemático e todo o milagre é produto biofísico e bioquímico de fenómenos inerentes às substâncias divinas da própria vida.

A fome, seja qual for outro adjetivo, é, em si mesma, imperativo categórico, enquanto a vida for dínamo da matéria, na luta pela existência. Há um princípio filosófico que diz: “existir é ser conhecido”, coisa que se viu em Tomé, discípulo de Cristo, num profundo cogitar materialista, responder à notícia sobre a ressurreição de Cristo, como consta em João “se eu não vir o sinal dos cravos nas mãos, e não meter a

mão no seu lado, de maneira nenhuma creerei". Entendo em Dídimo que "Viver é crer para ver e ver é viver para crer".

Esses alimentos que, para os outros, numa forma de metáfora canibalística, são corpo e sangue de Cristo, ou de todos os cristos desta terra, que morrem todos os dias para dar vida aos outros, se transformam em sangue e o tal sangue, segundo Espinosa, "vira matéria de pensamento".

Uma Pátria de todos e para todos

Quando comemos, pensamos diferente e pensar promove mudanças. Descartes, cogitando no profundo abismo filosófico de si, alude: "penso logo existo". Assim sendo, "Pensar nos alimentos é uma forma de existir" e existência caminha mutável e sóbria na luz da co-evolução, renovando a vida, alimentando-se.

Neste pensar, a pátria é pensar nos alimentos e com os alimentos construir pensamentos, usar a razão para cicatrizar, neste presente, as feridas tristes do nosso passado fratricida, reconstruir comportamentos à luz da actualidade e, nos ásteres da nossa realidade social, uma pátria de todos e para todos. Uma pátria que seja alimento e remédio de todos os angolanos.

Solidifica nostalgia a pátria que nos sauda; petrificou lágrimas dos filhos que tombaram por uma amarga independência. É puro parnasianismo: compromisso social é arte comprometida. A ideia de saudar os filhos traz consigo, na luz do perdão, uma existência colectiva, no sentido de reconhecer diante do outro o eu partilhado, como diria Lageel: "peça rara ou única e de valor infinito".

Para lá da topografia do norte

De Cabinda ao Cunene, do mar ao leste, povos de culturas diferentes, unidos na causa para formar, na unidade, uma nação. A independência de Angola deu gênese a um conflito armado entre rosas do mesmo jardim. Depois de longos anos de guerra, marcados por acordos falhados, o fogo terminou em 2002, com a morte de um elefante africano, nas florestas densas do Moxico.

Majestade,

A história vive. Queiramos ou não, ela viverá. Fez-se enzima reversível aos angolanos, nesta cadeia cíclica de renovação, onde "nada se cria e nada se perde, tudo se transforma".

Uma independência conseguida com muitas galhetas e processada por períodos negros na história do nosso povo, o espírito independente que ainda continua, numa espécie de vampirismo comunista, a sugar medula cinzenta com métodos modernos, o mundo que almejamos, para saciar os espíritos candongueiros de escravos vendidos desde os tempos remotos.

Lembramo-nos, quase meio século de independência, de episódios modernos algures do nosso território: genocídio de angolanos, sobretudo, seita religiosa de José Kalupeteka no monte sumi, na província do Huambo; os massacres em cafunfo, Lunda-Norte; os assassinatos e as prisões de activistas em Luanda e por toda a Angola, entre outros assuntos contrários que alienam os direitos humanos. Custa-nos crer que somos realmente uma República independente, um Estado Unitário, Democrático e de Direito.

A cova-R-dia de Maníaco

O sistema que dilacerou Angola, o do partido estado que ainda governa, deixou de forma muito clara que “Angola tem dono” e os donos são aqueles que controlam as armas e o dinheiro por amarem tanto a guerra.

No ano de 2022, a CNE (Comissão Nacional Eleitoral) declarou, na pessoa do presidente daquela instituição, o partido-estado como vencedor das eleições de Agosto; e o tribunal constitucional (TC) validou tais resultados, que deram vatangem ao partido comunista. Dias depois, o charco das águas agitou-se. Estávamos, pelo que parecia, a emergir num conflito armado. Afinal de contas, diz-se que as eleições são festas da democracia. O clima estava tenso e, em plena democracia, quer dizer, suposta democracia, coloca-se um exército em prontidão combativa, à penumbra do povo, nas ruas de Luanda e em outras partes do país, desfilando com materias bélicos de ponta, de fábrica Russo, nas sombras carregavam tecnologias que operavam à velocidade máxima do ANGO ‘LU’ SSAT 1 e 2, para intimidar o povo que procurou mudança nas urnas através do voto.

O governo, em outras palavras, declarou “guerra” ao povo que foi ao altar do voto, como manda a tal democracia dizer a deus que ditadura não é bom. Nem a assembleia, nem os tribunais, nem o exército estavam a favor do povo. Todos estavam a favor dos sobas.

Ficou claro, como a luz, que eleições não derrubam ditadores. Talvez seja por esta razão que prenderam os 15 mais 2, naquele ano do qual muitos já se esqueceram, por terem descoberto que conhecimento é realmente poder. O poder está nos livros e, em Angola, livros como aqueles são com-

pletamente proibidos. Sentença de morte. Cabeça entregue à fome da guilhotina. Corpo para as piranhas e piras dos senhores da cidade alta.

Quem abre consciência, transforma-se em lanterna de consciências. Sol que doa luz aos caminhos do mato, onde aplacam os bichos bípedes que caminham na sombra da luz, à espera de noites, onde a todo o custo havemos de (re)nascer.

Fruto da leitura, vemos, em Gangstar, jovem pensador e autodidata, com apenas quarta classe concluída. Fruto da leitura, vemos, em Fridolim Kamolakamwe, um Homem que dispensa comentários, que deixou Angola por razões muito óbvias, quase fuzilado no reino animal de José Ave Maria sem Graça, hoje a prestar contas à Natureza. Afinal, cada um com os seus crimes e demónios.

Fruto da leitura, vemos, em João Paulo Ganga, sociólogo afastado e apagado das ágoras do debate público. Fruto da leitura, vemos tantos outros jovens angolanos que vivem como fugitivos desta pátria querida, atravessando o mar cáspio, o mar vermelho, o mar mediterrâneo e todos os mares possíveis, em busca de novas oportunidades.

No vento da emancipação

Majestade,

Nesta Angola, o partido-estado tudo controla, usa tudo quanto é público para poder manter-se no poder publicamente e sem vergonha. Como percevejo obeso repleto de sangue de inocentes, desfila na nudez de um território descamisado, nos “olhos secos” e desvitaminados da pátria.

Uma pátria sem liberdade de expressão. Uma pátria em que, no olhar frívolo de Flagelo Urbano, “quem fala a verdade vai para o caixão. Quem fala a verdade vira carne pra jacaré”. Nesta pátria, lembramo-nos de homens de infelizes memórias, entre camamas e santanas, ceifados por terem pensado pátria; sindicalistas, jornalistas, políticos, cónegos, activistas cívicos, músicos, poetas, entre outros pintores do laboratório da verdade.

Nesta pátria de incertezas, onde “leões voam e pássaros rastejam”, introduz-se cada vez mais, no útero da esperança, ditadores e bajuladores que redesenham uma teia alimentar de ladrões, onde a vida é fácil para predadores e necrófagos.

No relevo da nossa história

Na obra Sagrada Esperança, o pai da nação, Agostinho Neto, vocifera: “Não me exijas glórias, que sou um soldado desconhecido da humanidade. As honras cabem aos generais”. A mesma honra que CONSTRUIU valas comuns no relevo da nossa história, a mesma honra que deu a bengala do poder ao médico e, depois, ao arquitecto da paz; não fez muito tempo, a coruja do vício voltou a colocar no trono de ferro um general, que faz d’Angola um quartel de princípios militares, um campo de batalha, onde se militariza a pátria, esquecendo-se de que o povo é o combustível soberano da nação, não o espírito desumano que assambarca os sonhos de um povo que tenta libertar-se das correntes enferrujadas do Maio de 77 e dos desmaios de 1992 a custo zero. É fundanga pura, o que também é pólvora agora. Majestade, neste lugar, negamos, em cada orgasmo atingido, atingir o zero!

Majestade,

Na raça e no espírito, pense connosco naquele verso do hino nacional que diz: "Construir no trabalho o homem". O homem, *ecce homo*, que primeiro rouba e depois renuncia a nacionalidade. Estes homens que saqueiam e depois nos chamam de lúmpenos, enquanto sobem ao topo dos abetos compridos do roubo, para ver as riquezas que acumularam nas cidades altas da nossa via láctea.

Eu, o povo que te votou, penso que o homem se faz pensando no outro que se pretende criar, como diria Neto: "criar no homem, criar na massa, criar com os olhos secos", no despertar da semente, no despertar de uma criança aos olhos do homem velho. Criar é pensar no processo de ensino-aprendizagem. Colocar no altar da verdade o vício de entregar relatórios falsos a quem só conhece o povo sentado nos cofres do banco nacional. Criar é dirigir o país com os pés descalços do cérebro, ir até lá, no fundo do homem, e ver do sacrifício brotar uma pátria querida e produtiva.

Um vocábulo de ensino com baptismo de excelência

Existe uma palavra no campo eléctrico das grandezas humanas com nome de excelência. Excelência, Majestade, consiste em repensar o ensino, nas políticas públicas que o regem e reformar, com seriedade, o pensamento que se tem de escola pública. Desmilitarizar a cabeça, desminar a imaginação, fazer um juramento sério e uma escolha aos olhos da justiça.

Pensar a escola, no fundo, é despartidarizar a escola. Pensar numa escola pública sem opa, sem caps. Uma escola fora da arcada dentária das cores do partido. Uma escola que deixa de alienar mentes, sem epitáfios académicos. Uma escola positiva. Sem comités de especialidades, esses comi-

tés de porco-espinhos que oprimem, nos dias de hoje, os que pensam diferente. Uma escola insenta de doutormania. Uma escola que luta lutando, na luta da luta que luta, como afirma António Nôvoa, contra a “desvalorização crónica da ciência.” Uma escola qualitativa, ao invés de quantitativa.

Uma escola que, em vez de formar militantes bajuladores, espiões, escorpiões e marionetes, forme pensadores, cientistas sociais, capazes de preverem os fenómenos sociais; cientistas ambientais, capazes de corrigirem, na gestão de recursos naturais, os apetites de oportunistas que exploram ganaciosamente os nossos mares, as nossas terras, a nossa fauna, flora e as nossas vidas, pelo trabalho forçado e mal-remunerado. Esses senhores endinheirados injustamente, que andam nas escolas da vida com carros assustadores atropelam, na terraplanagem da esperança, os sonhos de um povo.

Temos de pensar numa escola que pensa país, que forma homens capazes de enfrentar os desafios da vida. Uma escola patriótica e científica, virada à construção realista do homem novo; homem capaz de atender ao chamado das preocupações da humanidade, em Angola, na África e noutros cantos do mundo. Uma escola que forma e educa para o mundo. Isto é excelência, Majestade!

A escola é a imunização da pátria

Deveríamos aprender com a Covid-19, onde tudo o que conseguimos fazer, no fundo, foi ficar em casa e produzir sabão bruto, consturar máscaras e encontrar, no problema vigente, uma janela aberta para fazer candonga, enquanto os outros, altruisticamente, entregaram suas vidas em busca de uma vacina para imunização. Por falta de luz na cabe-

ça, nas ruas de Angola, na época da Covid, vimos pessoas a serem mortas pela polícia, pelo não-uso de máscara. Não foi apenas o vírus que estava a matar-nos, a polícia de deus comeu, também, uma parte dessas vidas.

Temos de pensar numa escola de verdade. Não uma escola nas vestes de um comité do partido, onde só se é gestor escolar quando se é do partido. Uma escola assim não é digna de ser escola, na escola da vida.

Deus, na sua Mensagem Sobre o Estado da Nação de 2023, na pág. 82, diz: *as mulheres e os homens angolanos são o nosso principal activo e o fim último da nossa acção. São eles os agentes da mudança e os beneficiários das transformações em curso no nosso país. Por isso, ambicionamos construir uma sociedade que valoriza e potencia o capital humano com ênfase na educação e formação técnico-profissional dos jovens, valorizando o papel da família e o espaço central das mulheres.*

Esta fala afiada de deus no discurso inclusivo finge ser integração. É exclusivo, porque, e como sempre, nos discursos passados, é dirigido às mulheres e aos homens do sistema conhecido inperfurável. Uma fala para aqueles angolanos privilegiados. Os habitantes efectivos do núcleo de deus. Os que passam tempo a gritar viva à sua Majestade e longa vida a deus, em troca de benefícios que transformam a vida pessoal, enquanto o camponês continua a comer capim, como afirmam Elffeks e Greene: "o boi puxa o arado, mas não senta na mesa do fazendeiro".

Na pág. 85, deus diz que estamos cientes de que só com mais salas de aulas e mais professores será possível diminuir o número de crianças que ainda se encontram fora do siste-

ma de ensino ou a estudar em condições pouco adequadas. O nosso deus precisa de conhecer a terra que ele mesmo criou.

Olhar a criança como o futuro de uma nação é um desafio, dentro das tarefas do estado. Falo de uma Nação inclusiva. Não segregacionista, nação que promove uma cultura na unidade e na existência diferenciada. Uma cultura que irradica a esperteza, na certeza de que o desenvolvimento é possível quando dois braços de ideologias diferentes apertarem as mãos, sem impurezas de hipocrisias, em nome da maioria. A escola é o lugar de neutralidade, onde valores de diferentes culturas interagem na interdisciplinaridade para o funcionamento do todo.

A escola na maternidade das falhas

Projectos mal-concebidos espalham em toda a Angola os esporos da estratificação. Escolas do PIIM sem laboratórios para os professores incentivarem os alunos a fazer ciência de verdade. Escolas sem bibliotecas. Estão a dizer aos filhos dos proletários que ler, aqui, é proibido. E não há, no cardápio da merenda escolar, nem sopa, nem leite, nem pão de qualidade. Temos, como elemento-chave, o tchiuvila, para incentivar os miúdos a virem à escola comprar mediocridade. É isto que o pioneiro Ngangula, o pioneiro da opa, ensina. É isto: andar como porco à procura de uma lupa na lama, para ver o sol num dia de eclipse total.

Nesta situação, imaginem construir no trabalho o homem novo, um homem que venha ser, no futuro do presente do indicativo, a medida de todas as coisas. O antropomorfo.

Tenho algumas perguntas de cinza que me arranham a cabeça: será que os filhos de deus, os dos arcanjos, os dos

anjos, os dos embaixadores de deus, dos evangelistas, pastores e outros imortais do clero, à direita de deus pai, tomam tchiuvila como merenda preparada com a lenha de tchilavi, colectada algures das matas da Jamba?

E esses anjos, nossos governantes, matriculam os filhos deles nas mesmas escolas públicas, para serem colegas dos nossos filhos, na camaniña, aqui mesmo no bairro operário, no combone, na favorita, na lalula, no nambambe, na mitcha, no tchioko, no forte, no calipi, nas escolinhas do gugo, nos nossos bairros de latas, onde o director da escola não tem projectos e nem consegue fazer leitura em condições, companheiros?

Um dirigente de escola que passa mais tempo no comité do partido do que na escola, tem mais cola no partido, porque o dinheiro de gestor que leva na sacola azul vem de lá, se não for ao comité, será partido ou afastado?

Esses anjos dos anjos que mandam sempre os filhos alados para irem se formar no estrangeiro, enquanto aqui nos dizem que a vida se faz nos municípios, naqueles onde não há luz, nem água em condições para todos, nem casa para todos, mas só há para os nguvulos, os militantes, os eleitos de deus?

O que nos torna humanos, afinal, nesta República de Pedra, onde os outros bebem petróleo e nós só vemos lulas, lulas da silva, onde os outros mastigam pedras preciosas e nós esperamos ganga, Paulo Ganga e Rosado na tv, para nos dar relatórios gordos do PIB e explicar gráficos complexos, quando o petróleo sobe no mercado internancional?

Companheiros, só nós podemos responder

Depois de tudo, um pouquinho de N'gola, Uisque para os adultos e sumo kaveneno para os putos, para acalmar os nervos, "criar no nervo", enquanto o bolo do OGE para educação é sempre um bolinho seco no tamanho do pão de Jonas, para tornar cada vez mais um ministério de mendigos intelectuais, onde estão infiltrados, também, os mercenários do ensino, os burocratas do sistema, os ingênuos e os filhos da mediocridade. E aqueles que não sabem como foram parar ali, à frente do futuro da nação, conduzidos pela esper-teza dos babuínos, para gritar com os filhos dos proletários 'A' grande e 'A' pequeno, porque este combatente da fortuna não tem noção de letras maiúsculas e minúsculas, por ser produto afinado produzido nos cap's dos números ímpares, dos que disseram que Ngangula era a luz dos académicos.

Estas escolas são descartáveis ou salas de aulas, que não garantem produtividade intelectual, inauguradas já velhas, paredes com ostioporoses, com fissuras do caboco ao teto, varizes com as cores da China, escola com colo-aberto, tipo mulher que deu à luz na caverna de Platão, filhos que só sabem que nada sabem, que são cegos, porque nunca vi-ram luz, esses filhos de toupeiras, próximos escravos desses deuses desumanos que falam sempre de recursos humanos. Como libertar o "*filius nullius*" desta educação medíocre? E os '*talis*' filhos de anjos, arcanjos, querubins e serafins, que vão ao estrangeiro para estudar e regressam efectivamente gays, com discurso de democracia e livre arbítrio, outros músicos de semba, outros ainda com os hábitos e costumes dos avós e dos pais deles: gatunos de profissão.

Protágoras de Samos, há 250 antes de Cristo, não sei se estava bêbado ou frustrado com os políticos do seu tempo, dizia: "eduquemos as crianças para não termos que nos preocupar com os homens". Aqui na banda, os homens que

desgovernam e governam Angola são produtos de qual sistema de educação? Eu não sei, também, mas duma coisa tenho a certeza, citando meu amigo Sebastião Soma: “estudaram, mas não aprenderam”, para conviver num verdadeiro estado de espírito patriótico.

Patrimania: doutorando para a engorda dos porcos

Majestade,

Não é possível numa Angola de tantos doutores, tantos engenheiros, testemunharmos a morte do valor, que dá direito ao valor do homem, à pátria, à família, à vida, ao coletivo. É pura doutormania, na visão de RAJD.

Patriota não come sozinho aquilo que é público. Patriota percebe quem é o outro e co-existe com ele na savana da coisa pública. Patriota é homem do bem. Defende com unhas e dentes o que é da maioria. Patriota é aquele que defende o outro, quando vê que o outro não pode, seja lá qual for a sua cultura – ovimbundu, ambundu, ovakwanyama, tucokwe, ovanganguela... Bantu ou San. Patriota não mente quando governa, faz o possível para dar o necessário ao seu povo.

Que homem novo construímos, afinal? Num país onde o (PM) professor do mato ou da cidade vive fazendo quilapes, um para dois, para conseguir chegar ao local de trabalho. Salário mísero, que não consegue comprar uma roupa digna para melhor se apresentar aos seus pupilos. Já é mísero, demora mais e ninguém vem a público explicar o porquê. Salário mísero cheio de zaqueus, impostos e impostores.

Um professor andarilho de bairro a bairro por não ter casa própria, porque o seu salário nem cobre os cantos do seu próprio estômago. E de tanto andar, um dia ainda pisa

numa mina tradicional com a potência de "Little Boy e Fat Many", que irá dizimar toda a sua família. Este profissional é o mesmo a quem se exige qualidade de ensino, o combatente da linha da frente que enfrenta problemas de câncer do pulmão e da tiróide, causados pelo giz caducado ou vigente, que o matará antes de sair do último degrau da reforma. Este mesmo que combate o obscurantismo, mas está tudo escuro na sua vida.

Aquele que não consegue encontrar a localização do eu. Agora, atleta sénior da premier bet, elefante bet, piloto sénior do aviator e de outras plataformas de jogos, imprime ficha atrás de ficha, porque o salário já não pode dar-lhe o calo de longividade. O mesmo a quem se procura avaliar rigorosamente todos os anos o seu desempenho, por isso, muitos abandonam o ministério e procuram um milagre qualquer que o possa colocar algures do mosaico fluido da AGT.

Este profissional de ensino é testemunho vivo neste tribunal da ango-sexotesão e de muitas incongruências. Por exemplo, ele sabe quanto ganha um funcionário de limpeza da AGT e da Sonangol, sabe que um de-puta-do, que é seu representante na assembleia nacional, tem mais direitos que ele: abonos de natal e outros subsídios que somam milhões juntos. Ele sabe que, afinal, nada sabe sobre aquele que o representa no fa-lamento, enquanto coça as bolas.

Aqui nesta pátria, esta pátria

Cai por terra ácida a máxima latina "*vox populi, vox dei*". Aqui nesta pátria, Deus e Diabo, 'esses dois D', são escravos do mesmo deus. Onde se verifica presentes de carros de luxo, relógios de diamantes e tantos milhões de quanzas à

disposição daqueles que defenderam e ainda defendem os ditadores que exprimem, como suco do limão, esta pátria, enquanto deixam o povo na casca.

Ser pobre é pecado e o salário do pecado é a morte. O rico só morre mesmo, porque morrer também é viver. O professor não sabe, vive eternamente entre o viver, o devir e o não viver. É um vírus que paira no ar dos seres vivos e dos não-vivos.

Ó combatentes angolanos, os do giz e os das armas, agora, tentemos marchar pela glória dos povos africanos, esta África fragilizada, tomada pelos deuses do ocidente! O cemitério dos revolucionários. Terra onde os grandes pan-africanistas, aqueles que realmente lutaram para a construção dos estados unidos d'África, para uma verdadeira independência do continente africano, foram barbaramente assassinados. Nesta lista de sangue libertador, apontamos: Amílcar Cabral, Muammar al-Gaddafi, Patrice Lumumba, Thomas Sankara, Sylvanus Olympio e tantos outros mestres da libertas espalhados nos diferentes solos do continente. Como pensar na glória dos povos africanos, como, por exemplo, nos conflitos da RDC, se ainda não conseguimos ultrapassar os problemas de base que afligem o nosso povo?

Ainda não conseguimos fingir a seca e a fome no sul de Angola, Gambos por exemplo; o desemprego que assola a juventude, levando a práticas de prostituição e bandidagem; a malária que ceifa todos os santos dias muitas vidas neste território; a falta d'água, de luz, saneamento básico, de urbanização intelectual, a luta contra desnutrição, contra o nepotismo, a corrupção, os traficantes milicianos e políticos, esses barões da droga, também a luta contra as ordens superiores e "o sabes quem eu sou"? A vida do mwangolé é

CIPRIANO CHIMBALADONGO

arrotos que deram margens virgens às quimeras genéticas,
que tentamos ser na geneologia da nossa moral.

IV

Somos factos desconhecidos. Tento ser povo. Uno e indivisível. Embrulho-me caliginoso na alfombra preta dos desafios e nela invento gritos com idade média e rimas pobres para dar forma às pinturas rupestres das nossas óperas.

V

Transformaram-me em minas dos oportunistas, vivo na epopeia da lágrima, tento buscar, no silêncio dos homens negritados, a falsa obesidade da idade, enquanto me desloco na poeira dos ritmos do nada ter. Sou uma pedra preciosa aos olhos dos garimpeiros.

VI

Olho para a bandeira nacional e nego cegamente a tesão dos peidos dos políticos que fizeram izar, nas cores do desprezo, o rosto de Lúcifer, a nossa nudez, dando vozes aos verbos que invocaram dentes de sabres para vigiar as fronteiras da nossa existência calejada.

VII

Entre homens destemidos que amaram a pátria, homens despídos que fumaram a juventude que deixaram fixas nas fotografias, para dar à pátria o estatuto de nação. Hoje, homens queimados pela idade, na vaidade progressista das potestades que domaram o poder, nesta durocracia com núcleos que geraram deuses violentos para habitem nas espirais das nossas dessacralizadas almas.

uma verdadeira bebida fermentada. É maruvu puru, da palmeira e do bordão. O inferno é aqui mesmo, neste território.

[SEGUNDO PRATO]

QUARESMA

...

I

Podemos não ter pernas longas para andar, mas conhecemos a terra primitiva onde, antes da nossa era, pisaram as eras dos nossos ancestrais. Neste tempo de incertezas, negamos no sedentarismo teológico o fixismo bíblico das espécies da nossa bíblia, porque aqui, no parque da quissama, os caminhos do mato, que inventaram o soba e a gente, o quimbo e o javali, há muito que nos foram tirados.

II

Na busca por uma Angola prometida, enfrentamos corjas de abutres, que fizeram das feridas dos proletários fontes primárias de vermes, enquanto elastificam amnesias graves no útero dos nossos sonhos. Tentamos realizar esta pátria antes dos tais ditos nossos sonhos, aos olhos de uma esperança moribunda, cujo mar dos deméritos deu imortalidade à esponja que fez da fé uma cátedra de ladrões.

III

Amanhã, nesta nossa versão de ser pessoa, pretendemos actualizar o sobretudo dos homens novos, no cinturão dos

que ladravam ao meu lado esquerdo, enquanto procurava pelo pão de cada dia. Em cada grão de trigo que recolhia das crateras da estrada nacional, descobria que estou longe de ser pessoa. Renuncio a humanidade e nego viver atrás dos óculos da dominação. Olho para as minhas mãos e aprendo com as minhas falhas, toco farpas com a língua e liberto-me dos dentes dos meus fantasmas obsoletos, deleitando-me nas falsas gramáticas da vida, enquanto continuo a marchar na penumbra que me afasta da luz.

XII

A revolução é parte da história da humanidade. O homem, no seu evoluir, tornou-se pastor da mudança. Transforma o eu e faz dele um híman positivo para os outros. Revolução é evolução. Clamo por Angola e pelos meus antepassados. Chegamos ao cume de dois gumes, para ver de cima um país que se come feito queijo no prato dos camaradas.

[TERCEIRO PRATO] A MARCHA DOS OPRIMIDOS

...

Oiçam bem o grito dos nossos espólios! Nós somos aqueles que desceram dos micélios das lepras, para despir a hidra gigante de uma alergia anémica, que fez do país um deserto de forças bélicas. Apenas levem, como pena de um pombo branco, o grito de um povo acorrentado nas mangas compridas do vazio, desses réus sem penas, com penas sem réus.

HÓSTIAS DE JERIKÓ

Somos o povo que desceu do sari de sisal das teimosias, para pisotear o substracto do ecotone destas sanzalas agres-tes, onde se rende na guilhotina o grito de uma manada de gnus sem âncora ecológica, galopando na lâmina negra do sopro afótero deste íngreme sacrifício, que traz na lágrima dos filhos inválidos a tábua carcomida dos nossos ecos.

Sem escolha alguma, incorporamos ideias na fome narcisista destes crocodilos de alugueres; ao mesmo tempo, nesta aldeia de aldeões sem nomes, coabitamos indubitavelmente com o verbo das pútridas nações, que fizeram da folha de rícino a figura que se prende no tentáculo mirabolante dos seios dos opulentos, que fizeram brotar da angústia uma geração de contrastes. Somos este povo casmurro, viandantes da nostalgia neste tómbwa de almas acorrentadas.

Invaginamo-nos na utopia de Thomas More, abraçando pobres fantasias; embriagamo-nos com a capuca das heresias, abandonamos o ser sóbrio e, já ébrios na dança das sementes de eucaliptos, entramos no cerne do brio de tal combustão comunista, cirandando nu, na silva tropical da saliva das mambas, para existir na culpabilidade de uma existência histórica, buscando-nos entre os adágios das sú-plicas e no mundo da esponja penágica de um solene absurdo. Esta existência enálage pressupõe forças; a força, esta grandeza física, estado de sítio, campo fónico e semântico d'alma, palco de transfigurações pragmáticas que acendem as cavernas das embriologias semióticas, fogueira metamórfica de dizeres soltos, onde se derrete a matéria-prima das ideias do grito – sofrer é alquimia pura, na pura real (idade) da humanidade.

O povo, este pedúnculo natural, não é força alguma em si mesma, no seu rebuliço manto indutivo e maciço a vozes

inerentes de sua plataforma eucarística que ainda se auto-alimenta do cordão umbilical das gramáticas da sorte, conectadas aos escrotos litúrgicos de uma ferida crônica em constante emundação: força é a lógica oscilatória dos sistemas operacionais da vida e concretiza-se na sua natureza viva de energias totalitárias que as regem: a sinergia no quântico, o quantum do músculo, das células, das palavras, da pintura, o quantum da vida do grito, os botões desta camisa que (re) veste os murmúrios do povo.

O povo, conectado a esta potência de energia, arrisca-se em engendrar na "tábua da aflição" a parêntese necessária de se ser um no sal obrigatório desta órbita polirreme, a fim de se poder pregar, na madeira de um estranho intelecto, o grito que orbita nas legitimidades de um pensamento entorpecido nos grampos da lágrima, cuja intenção repressiva do eu reluz aos dispositivos óticos das páginas da opressão, unindo, no apóstrofe, um vínculo secreto entre a transmutação epistemológica do pensamento e o começo em si mesmo de uma nova *phylosophya* de vida, aplaudindo à natureza subjectiva do determinismo paralelo do pensar, sob a irrupção crescente da alma, submetendo-nos entre o antro do eu e dos z (eus), subjacente à própria alma da veia antropológica da fome.

E, a partir de lá, carimbar uma estrela amarela nas nádegas sofridas da negação, para entrar no féretro do sinónimo e do antónimo com um cérebro ferido que refabrica na ópera do povo, memórias tristes do clítoris de uma nação já sem sensibilidades; um povo que se empurra com toda a sua legalidade nos delírios de uma loucura azul, que temporiza nas barbas de um pesadelo a aurora da estupidez; um povo que se levanta da sânia da ditadura com o diálogo esperançoso dos bem-aventurados, obrigando-nos a procurar

lagoas turvas na aura húmida dos aís plantados, onde as pedras da humilhação dão um ponto de vista sobre o ratio da sua existência inumana.

Neste éxodo, tenho de concordar com Laagel: "quanto mais não seja na sua própria existência, tem de inventar um estilo de vida, um antro ou trincheira". O povo de Jó liberta-se da iurte do silêncio e segue para lá, com a bíblia africana no sovaco esquerdo, seguindo passos de fogo em busca de si, com/feridas de narrativas crónicas, lambidas pelos cães bipedes, que os pastam na auto-estrada do angolanismo.

No ar que respiramos, sentimos o cheiro do hormónio da desgraça. Colocamos o ouvido na linha férrea da bandidagem e ouvimos, na fogueira dos átomos de urânio enriquecido, o timbre negro do abandono. No cio dos oprimidos, esta força atrai (i) mundos, comportamentos, ideias, para nos fazer reagir na electronegatividade espiritual de nossa própria substância, onde o electrão que nos excita alfineta-se nos ângulos exóticos das utopias e depositam sêmen de murmúrios amargos, para assumir a posição de «força»; somos um verdadeiro híman que reúne diante de si «forças», critérios adversos na fogueira acesa das necessidades, para que necessariamente vejamos, na cinza da lenha daqueles de igual cosmo, o partir das éticas e olhar pelo grude de uma natureza primária, onde a barriga se tornou a alavanca da nossa marcha.

A lágrima do povo tornou-se olho para validar a salina da falta de respeito que deu nome à boca que prova amargamente o calor da nossa essência, desprovida de diálises na sua indumentária ocreosa entre as linhas da ópera carnal.

Aqui, grita a força da nossa voz: fazemo-nos à estrada, aqui mesmo; buscamos o mundo em latas vazias, negociamos a lucidez na contumácia das lenhas que arderam espalhafatoso nas meninges do intelecto destas gritantes vozes que ainda não são rios, no panorama destas sarjetas assombradas; somos aracnídeos inofensivos que se redesenham na bruma da tristeza negando o pântano do exibicionismo, apagando ébias sangrentos no barro do sublevacionismo, gente que faz a marcha constante da miséria dos filhos de Agar, os conta-passos-pra-frente, aos olhos fénicos dos anti-cristos que anunciaram tristezas gordurosas na poeira levantada pelos bipedes cães, acelerando a marcha dos oprimidos. Nós que buscamos uma Angola emancipada.

Viva aos lúmpenos e ponto final de uma marcha contínua, neste instante zero onde gravita leprosammente o timbre da nossa vida, viva!

[QUARTO PRATO] NUM PONTO ÚNICO E SÓ

...

O homem é um estógio de mistérios nesta grelha de tempo redondo. Uma fornalha de energia branca de matéria negra, que do pó se transfigura num ser superior a ele mesmo, «o barro», enquanto homem. Originalmente, faz-se no agora, mas é perfeitamente real quando este se desfaz, na cadeia alimentar dos factos, num ser binário de índoles desconhecidas.

HÓSTIAS DE JERIKÓ

É um templo de codons sinapomórficas, onde se apeque-na a figura emblemática de si diante da lucidez que o faz. Este, sempre superior, na ordem primária de sua própria bé-lica criação. Fora de si, o homem primeiro, depois o artista, que imortifica a imagem do artista; dentro de si, primeiro o artista, que subleva à divinização da alma imortal do ho-mem, esta poeira candente e real. Um birreme, o aproximar perfeito à vida que os funde e orienta. É poeta, co-criador, a casca decoracionista do homem e da arte, o ingrediente melódico das duas representações, o flagelo angular de toda a manifestação ideológica que o empurra para a gema here-ditária de um universo sem limbo, onde o caos se metamor-fosea na fogueira de ideias urbanas e tétricas.

O caos, um lugar de hostilidades no homem, onde, de forma polifilética, tudo se faz num ritmo de oposições e tudo se desfaz no intercâmbio das gulas das imperfeições. Este, parte integrante do caos, desfaz-se na arte, onde a pró-pria arte experimenta o artista numa dimensão paradisíaca do caos, onde o poeta já o é, também, por excelência.

O homem, um pastor de ventos, vê que em si a lágri-ma se funde na oscilação das energias pretéritas e desfaz-se na probabilidade de eventos. Há no homem o que fora se estanca nas danças comportamentais dos pássaros, onde pássaros são palavras alados, em busca de ecossistema fértil que só o artista os planta, enquanto seja a arte que a ele vem morar, propondo verões no calor do barro, onde os poetas são pássaros também; a diferença é apenas na forma de voar, entre o céu e a imaginação, que talvez também os possuam os pássaros adentro nas feridas da alma animal.

Fora do homem, só as pedras se escondem de si mesmas e os poetas não acenam a cabeça nem por hormônios de

virgens, mesmo quando é a lei que impõe e põe entre aspas a sua conduta moral num sistema isolado da existência.

Este homem aprende que, na sombra de um cogumelo, não se inventam batalhas, pois o homem se faz de hifas linguísticas, onde murcha a bandeira da crença, quando é o vento da ilusão que anula na fé a poeira das preces e da falta de respeito recolhido de todas as guerras obrigatórias, onde a paz se pronuncia com o sangue do outro na cadeira que arrancou a legalidade das sementes da paz.

Não se curvem diante da fama, renasçam sempre do útero das crônicas universais; redespertem na proeza da voz que renasce das cinzas das piras líricas; vós, que ainda vos estripais na fuligem dos gritos seculares, busqueis um intelecto imaginário no olhar hirto dos ossos das sátiras, vós, pedreiros que levantastes na nuca da vida social um bairro de lágrimas, ainda há tempo para se amar!

No povo profundo eis o homem profundo, entre as ilhas e deus, aquele que olha no abismo da laje das culpas que nele se aprofundam as possibilidades. Ser de outro mundo, aquele que flui numa estirpe de esperanças rugosas, no olhar dos cegos torpedos lançados pelo estômago de uma vida que só se entende no lugar do pão.

Barro, dizem que somos, uma esponja asco de nuvens cósmicas, a mula em marcha, a energia fraca, a prancha dos nossos sentidos naturais. O cérebro da força, o coração do pensamento, onde se bombeia o sentido racional do homem; uma sarjeta de falhas caducas, onde dorme à vontade o artista e não dorme o poeta, o cirurgião da arte, enquanto morre na vontade o homem de Platão.

Este bímano é uma capela cistina antiga com murmúrios gregorianos, onde se escurtina o que um parto político desconhece do mundo. Nele se personifica o ser, ao olhar dos candelabros da rua, as coisas úrticas diante da arte. O carácter é regido por norma; é o meio quem o cria. O artista é um desvio à norma, é o poeta quem o escolhe, num ponto único e só, muito antes de o Ser ganhar forma. O homem nasce, não é o poeta, este é; o homem não é o artista, este se faz; o poeta não é o homem, este se cria; o homem é o homem, morre; o poeta é o poeta, é; o artista é o artista, desfaz-se na medida em que o homem morre; o homem, a esponja hospedada por forças que o governam. O poeta, o criador do homem e do artista que ele quer e, depois, transforma-se no artista, o poeta que ele é.

O homem, igual ao lírio do campo, depende da luz da força que o criou; o artista é um mero tijolo, cujos tunes que o fazem são mundos por se explorar. O poeta é o que dá vida tanto ao lírio, como ao tijolo. O homem desfaz-se no tempo e com o tempo, energia vital do cosmo, um combustível renovável e transformado, enquanto o poeta pula de matéria, a matéria anunciando o evangelho da arte na boca do barro eleito por ele mesmo. O artista, o separador do homem e do poeta, não se desfaz em si mesmo, é a noiva imortal do poeta; o poeta, uma força indestrutível de toda a representação real do nada. Como homem é imagem e semelhança do universo e, como fôlego vital, energia pensante e criativa, é imagem e semelhança de Deus, que também o é (deus), na arte de criar. O poeta é uma leve borboleta que explora o mundo segundo a sua vontade, numa dimensão superior à lagarta e o homem é o larval no casulo da criação.

O poeta, uma força destemida, poisa na flor dos cactos, onde extrai, na dor das cores em chamas, a palha que dá

sentido à nostalgia. Poisa nas fezes dos erros, como moscas bípedes, para fazer esterco literário; fareja matéria em putrefacção para fazer da heresia o querosene das palavras; são necrófagos, eleitos abutres racionais que buscam, na intimidade da humanidade, as metáforas secretas da morte; misturam-se com o lixo, para libertar dos ovos sociais do homem o luxo do poeta; transforma-se em louco, quando quiser em demasia a loucura; dorme debaixo das pontes, quando busca um sono possível no não-dormir e no devir do desconhecido; notívago, ambulante como um sem teto que sente no âmago o quão amargo o inoportuno dos insectos venenosos; é pastor de suas próprias ilusões, empurra-se no delírio para grafitar o contestável. É profeta de si mesmo, quando encontra a almofada do eu na comédia. Faz tudo o que atrai o artista e o subtrai na gelatina da arte de pensar. Ao contrário do homem, que não fareja por nada a vida, não nasce de uma natureza objectiva do artista e não cresce no meio subjectivo do poeta que o impõe.

Os poetas conhecem mundos cujo brilho não foi revelado aos homens. Há muito mais que se diga sobre os anéis da lagarta, sobretudo quando cantamos sem termos dito alguma coisa, onde a borboleta tem valor em si mesma e na unidade, é uma parcela de terra do universo, que vale a pena se estiver unida as outras partes. Os poetas são sóis, pastores de homens desconhecidos, neste ponto único e só da circunferência da vida.

[QUINTO PRATO]

A LÂMPADA

...

Pertencemos aos átomos caliginosos de uma lâmpada africana que irluz sobre a pressão canina dos ácaros. Somos teias de apócrifos aos olhares subversivos de lobos. A lâmpada que se acende não é como o sol que ilumina a espiral descontínua do sistema solar de uma galáxia algures do abismo da (dú) vida. Aqui, neste transpiro de mãos violentas de forjar pátrias, cágados de águas salgadas não sentem o calor da energia da democracia, que pinta caminhos por detrás da luz baça do olho de uma agulha que só a cegueira dos lúmpenos regeitou com a farda dos generais nesta fogueira de palhas de eus diferentes (!?) Em cada fagulha exposta no ar das libidos patrióticas, entende-se que um bordel é, também, quente por prazer, cuja luz vem da tesão e das orgias celestiais da fome pelo poder político e pela res pública. Que luz terna suave, exibindo Angola nas saias do índico e traz o rosto de Sousa e Vita na morte de cada onda, apagando, no bolso das raças, as lâmpadas dos que aqui se calaram, trazendo a nós de novo uma era de toupeiras, com óculos de pepetela e cavernas negras de palhaços satânicos!

Vi-me de pé sobre a isotopia dos átomos da falha, firme e silencioso, vendo homens calinos afogando a lâmpada com o grito dos pedófilos políticos que deram luz (es) a monstros nas ruas das maternidades das nossas esperanças. Somos grãos de mostarda, olhámos no horizonte dos outros e admiramos a bola de fogo que arde no mar cabeludo de sangradas mãos. Mãos que ainda continuam a enforcar uma pátria ainda por nutrir no banquete dos camaradas,

que forjam a dança num som agudo de passados, vindo de um batuque emprestado, algures da ravina de Babi Yar, para, também em cada amanhecer, fazer brilhar uma luz entre os cadáveres do monte Sumi.

Não vivi o "tempo" de Agostinho; na memória que invade o tempo das gramáticas, sinto cair a neve das combustões no anzol dos que Angola ainda governam; esses outros não perguntaram aos encontrados, antes de terem colocado os pés no mosaico da cidade de deus, que hoje já é tão alta para permitir que os outros deuses urinem à vontade, no futuro dos nossos filhos. Oblitera-se a noite seca nos dias dessas lâmpadas incandescentes, tão mórbidos os zumbidos desses sonhos lânguidos; um dia, despertaremos na prisão da ilusão, para conhecer as formas de esconder a pátria nos discursos dos que só prometem o futuro.

Quando numa palavra um vírus se incrypta, vale a pena ofertar um corpo alheio; é na ideia onde dorme a preocupação de uma mente em putrefacção. Será que estaremos vivos, quando o futuro aceitar o convite de vir resolver os problemas do povo? Seja como for, também dói morrer de pé. O putrefacto da matéria orgânica leva à fertilização de um solo sem recursos nítricos; a voz é orgânica, os solos são as mentes que as leem e interpretam-nas. Somos toupeiras do mesmo latifúndio, onde somos obrigados a fugir o sol. Tubérculos e vermes é tudo quanto procuramos, em honra imperativa ao nosso próprio estômago. A fome não entende lógica, nem filosofia. A fome não conhece deus, nem ateus. Não é amiga de Friedrich Nietzsche, nem de Jesus Cristo, nem do papa Francisco ou Joe de Biden. A fome, meus irmãos, vocês sabem-na.

É oportuno despertar na prisão da ilusão ou no calor de um caixão, onde as moscas já se vangloriam colocando a preboscí nos nossos dias obsoletos? Não ouvistes um médico a dizer que a honra pertence aos generais? Então, quem desbrava cruelmente esta pedra? Seja como for, prefiro despertar sozinho, enquanto me alimento com uma memória de sonhos molhados.

Os porcos não tiveram culpa alguma, quando foram possuídos por uma legião de demónios. A questão do porco é ser um animal desprezível e talvez João, em pátmos, tivesse sonhado com um porco para encher o mundo que motivou de tal forma a vontade que despertou Deus e o fez escrever o tão profundo apocalipse. Este, que em Angola viu, também, um João obeso a tomar o poder com botas de quatro cavalos do submundo. Não foi por mera coincidência que os demónios escolheram o porco para morar. Penso que o porco é símbolo da paz e da reconciliação, antes mesmo de o pombo de penas brancas ser a representação espiritual desde o baptismo de Cristo, que, em Angola, simulou o trilho da paz que deu origem à opulência e ganância dos governantes, desde o céu cinzento de Abril de uma data conhecida.

O que me agulosa, então, na tão-conhecida obra discográfica de Fridolim, o triunfo dos porcos? Vivemos a proteger o casco dos porcos, cuja alma que os orienta tem as marcas de Caím. O sofrimento que passamos é reflexo da marca de Caím, ou, então, como diz Mário Zezano, "somos os descendentes de Agar. Estamos condenados ao sofrimento". Tal como as serpentes são desprezíveis, os porcos também o são, não importa se for de lama limpa ou suja, porque foram escolhidos pela bruma na presença do deus que os criou. Se porcos são visionistas, seres metafísicos, sempre

cabisbaixos, renunciando o mundo que os pariu, não querem ver o sol devido à tamanha inteligência que os persegue. Quem somos nós? E por que os porcos olhariam para o sol? Temos um faraó em Angola, quem nos vai libertar das garras da fena, acaso olhemos para o sol? O povo perdeu Deus, tudo por culpa do pão e do cão que tudo privatizou. Quem vê o sol, logo, desperta-se. As metáforas do sofrimento fingem que não contemplam o sol, já despertaram antes de nós e, por isso, caminham no feromónio da clareza não clara. Vivemos a geração das metáforas. Esta que escolhe morrer, enquanto fala a verdade. Esta que vai às ruas dizer o que não está certo. A lâmpada que não tem medo da pedra que a atinge.

Sarcasmo não é saga de ilusão, é aquela glória que não jubila na caverna da vida. Vem e vai, no crepúsculo das dependências genéticas e da hereditariedade. Vem e vai, não pára, antes de o orgasmo lhe subir a veia da liberdade na estupidez do prazer, onde a lucidez ganha corpo e alma ardentes, ao sentir, no fim sexo da opressão, que o preservativo da vida estourou num amplexo com uma mulher social de programa político. Aí, você ama mais a vida, culpas o mundo, deus e o diabo, todo o mundo, inclusive a ti. A razão supera a intuição; despertas deste sonho e vês-te à mesa com uma caneta na mão para escrever o que tanto te inspirou para crer. Esta lâmpada é parte da alma, cuja energia que a activa vem de fora da sociedade, dos livros que lemos e dos artistas que escolhemos seguir e ser. Os artistas da vida nesta Angola sofrida.

[SEXTO PRATO]

GRITOS

...

Somos um povo (in) errante, somos a fisionomia de um grito sangrado. Não nos julgamos brotos da vida, pertencemos apenas ao brilho de uma substância incandescente. Somos gérmenes sem vácuo, parte de uma matéria sem órbita definida; força que não se prende às galáxias de seu oceano interior. Uma faísca qualquer, emprestada à libido das furnas desta co-existência, apalpando o tecido da inspiração que fez despertar um grito que renunciou princípios activos no ciclo menstrual das ruas, para se despir no nada, aos olhos de um sol que entardeceu na espiral do género de um ventre solitário.

Nos galhos verdes desta lèxis, aceitei cumprimentar os ossos da matéria primária da alma, (pré-) disposta na dispersão molecular das dores. É preciso florir com a distância, para sentir o perfume contagiante da vida na poeira dos ritos, vida libertada pela flor da idade dos pés, este veneno disseminado no substrato olfatorial do mais profundo *eu*. Nesta ferida crónica já com músculos contraídos, vê-se a alma que perambula a membrana rota de seu relevo, para se sentir risonho num atalho sem cílios, onde vibram as cordas vocais dos fantasmas rítmicos de marquês de Santillana, para se dobrar no pano dos sonnet excitante de Clement Marot e tantos outros que me acordaram na fuligem destes orgasmos circulares. Nas paredes escorregadias do buraco da alma, experimento construir um *eu* sem de/fundo e, deste fosso negro, pescar sem arrepio, com um fio dental de cabelo branco, um mundo escondido entre barbas de uma

alma sofrida, triturado por um futuro adiado, qual tenta construir uma forma de existir, a partir da co-existência.

O propósito é fazer com que os versos lavrados nas placas de petri desta silva não tenham nome, antes de estes serem baptizados no jordão problemático da heterotopia da dor com o revérbero de um espírito decadente.

Na tinta indelével do vício, onde se buscava por um título, deu-se um coito interrompido, as propostas despejaram, algures, o que se dizia serem os textos que se negaram a si mesmos, deixando que o nome viesse em si mesmo, enquanto nome. Não houve espionagem uterina, para rastrear o sexo do mundo. Não houve ecografia, nem agulhas que possam extrair líquidos amnióticos no ventre da palavra mundo. Aqui, o feto em estado evoca em toda a sua graça de gordura trans e traz o sentido do (des) universal da (des) graça da alma, do estado fónico e fantasmagórico da calamidade de seus próprios terpenos, do profundo mundo parasitado por um sofrimento derivado em constante diapedese, do hormónio sem base azotada, desnutrindo uma raça sem nome e sem carne, que se encontra de cócora há séculos, escorregando no sabão de um vulcão afiado por bípedes sintéticos, que brotaram dos olhos de endeusados segregacionistas que libertaram, da voz da nossa alma mater, o trem das papilas gustativas da espoliação para extrair necrófagos nas exéquias de uma esperança envelhecida e hibernada no nome dos que hão-de vir, também, já sem forma.

Não se trata de fragmentos de um (uni) verso de amínticos sem bocas, presos nas descargas orgânicas do tempo, nem de um vício cíclico na fauna de um peido vivo sobre a flora dos nossos mortos, nem dos sóis vestidos por sítos provenientes de uma esfinge submetida à fumaça de um pre-

sente sem proventrículo e sem alma, trata-se apenas de um mundo qualquer.

Nesta sãnie, encontram-se acesas as lareiras e chamas de velas que murmuram, para ver no deserto dos choros a poeira triste de búfalos castrados; murmuram os pesadelos dos sonhos, como bêbados que vomitaram pretéritos no relevo antropófago das fomes; murmuram no substrato do sopro, em busca de identidades próprias; murmuram pelas angústias que pescamos no escárnio de uma raiva secular, onde perdemos deus e ganhamos escamas, transitando feito gnus neste espírito neo-evolucionista da dominação, que abominou o propósito da vida que se projecta nesta energia sem ângulos, abrindo portais de formas sem áreas, lá onde se erguem existências sem lógicas.

Ofereço apenas palavras libertadas de uma triste berma sem pedestres, nestas *urbis ludimus*, onde se levanta o fumo do cigarro dos niilistas que aprisionaram os nossos bairros de chapas de zinco no ócio dos martelos que deram vozes à solidão da tristeza e as cores aos bordeis que acolheram almas rotas nos cios oportunistas das feras, buscando presas nas sanzalas de entes vazios que buscaram esperança no fumo proveniente do cachimbo de deus. Nesta feira de esperança, sobrou apenas o homem, já quase sem humanidade, nos passos promíscuos dos cães, no suor salgado de uma luta incerta, no drama da dominação, na espingarda da falha que traz a morte no metano do último suspiro. Esses são os versos que formigaram na tábua que leva ao profundo abismo destes multiversos, adjacente ao estômago dessas democraduras, onde se construiu um soneto só, com versos que representam os congressos da vida. Vida sepultada nas máculas da alma, um direito (in) merecido, preso na orça de tróia do imperativo que demiurga espalhafatoso, drenando

o pouco pó poético que ainda corre nas veias líricas da plebe.

Nesta tulha de versos sem nome, o ser em causa não é coisa que se entende e não é uma questão de escolha, é algo que ultrapassa a razão do grito, na arte (de fazer, compor e criar vida) onde as calemas da existência depositam sempre as comichões de um existir em apotegma. Não obstante existir na minha mente a ideia de que o povo nasce da família e concretiza-se na existência da humanidade. Neste ângulo hermético da pessoa, sobre o binóculo hermenêutico do juízo, submetemos o nosso pensamento ao estímulo do émulo na balança térmica do acréscimo de tal premissa, onde a grelha do juízo apresentado ganhara alma vegetativa, deus manco e cinza de espírito, em nome de uma ameaça telúrica.

Na diversidade e complexidade dos entes pensantes, o viver transfigura-se num deserto de infinitudes, o respirar faz o metabolismo de um universo em miniatura, onde a mobilidade pensante deturpa a harmonia do equilíbrio. Ninguém escolhe respirar, neste sistema de barro que não tem poder sobre o pulmão, coitado, nem sabe que vive, seu diário poeta, no salmo da sua própria (in) significativa luta, na poeira desprezível de si, sem o perfume dos sândalos da idade, do sanco sob sandálias de pneu, este epitélio repleto de listras, ente engolido pelo machado mortífero do egocentrismo que sulfa no luto constante do desprogresso, bímano emprestado ao apetite dos outros, onde ainda pica a filosofia de uma língua socialista que impera gustativamente no clitoris das nossas noites sem preâmbulos, que bucha, no desrespeito, um exército de moscas necrófagas, tutoradas por gralhas negras nestes pobres musseques para sacudir os túmulos das nossas revoltas, onde dorme acordada

HÓSTIAS DE JERIKÓ

essa gente que não escolheu ser, também, gente que, depois, morre sem nome, como ocorre aos cães nas ruas.

Neste ermo, o sujeito X, seja qual for o povo, não pode fugir de si mesmo e esconder-se entre as nódoas das falhas, pintar com o verniz do medo o presente que montou o sol de rebanhos, quando um búfalo translucido, com estômago de hélio, engraxou a bota amarela de um deus que ontem conspurcou o líquido cefalorraquidiano do direito à voz. Uma voz cujo calor de sua ideia traz a perna de uma coordenada qualquer, para imprimir um silêncio culposos sem Darwin, sem Malthus e descer no íntimo da selecção natural das sílabas, sem a força da lei que extinguiu uma tuba que dava acesso ao ovário do nosso progresso económico.

O que tens em tuas mãos, no fundo, traz gatilho em sua mente; deixa o sangue do protesto tocar-te em nome de toda a preguiça intelectual, enquanto buscares no corno do texto o ruído cosmogónico das palavras. Ai, sim, perceberás o fulgor do desfile cíclico das ideias e dos ideais, nesta fogueira canina da vida, onde cada centelha expulsa, à gripe de células troncos da dor, um ser profundamente incorpóreo, para escrever onde descansa o Além. Aceitei, aqui nestas folhas, ser a alma que antepassa uma lei sem gramática, antes de passar a fénix das grandezas do tempo de deus; para antever a morte no princípio das coisas, antes de o devir ser o princípio da morte; para ante-julgar o poeta no tribunal do poema, antes de a jurisprudência tocar no martelo da evidência de uma alma ruída pela idade.

Este bímano é sem destino, sem mundo, sem pátria, ser de um cisne qualquer, ente indecente, amante de silêncios enferrujados, patriarca de uma solidão turgida, salitre da pólvora da espingarda que dispara o chumbo da dúvida;

este bímano é vida que sobeja no lisol, carvão mineral e vegetal, colecionador de culpas alheias, taxista de um sangue que transporta lauras e desertos; este bímano é um poeta qualquer, conversa com os pássaros das suas falhas e extrai vinho na nudez dos batráquios que habitam as logoas do céu, exploradores de vidas inertes; é ele quem senta no banco do oráculo de seu antropocentrismo, para pescar da visão a ordem de fixar as palavras, onde quer que sejam: «no vento das suratas, no ventre dos poemas salgados, nos lugares inóspitos da tristeza, na alegria sem lagos vitórias, antes, no coração dos homens».

Aqui, o povo debate-se com a indução na balisa de seus *eus* desconhecidos e julga em si mesmo os fantasmas de uma existência criptografada nos fluídos intersticiais de seu próprio intestino ideológico. Entende-se ele ser a porta *a priori*, onde já atravessou a orça do absurdo para montar um silogismo qualquer no ventre da estupidez; feita praguejada toupeira que atravessa o prelúdio aceso do vício como louco, nos passos líricos do louco, e inventar sonhos sem adjectivos para engordar a lágrima.

Nesta lauda, o povo é um errante, possuidor de sinergias, energias livres que constroem, no uso da ignorância, um ADN sem escada. Nestas chamadas de protestos, o povo é plural e suas aparências são as engrenagens dos próprios gritos, andarilhos de um além metalinguístico e metafísico, onde não basta ter escama e alma, átomos e genes, intuição e juízo, açúcar e gordura, osso e músculo; não basta ser um balaio de sistemas operacionais fisiológicos, para entender o que se é, naquilo que somos apenas, como medida de nós mesmos e do (uni) verso que, antes das marchas negras e dos (pro) testos sangrados nos gumes dos sentidos da ma-

téria, nesta retro (re) pública sem fronteira, sem limites, o povo.

Assim, somos os marinheiros dos nossos próprios oceanos, onde nadamos constantemente nos vários sentidos do gás da inspiração. Tal como é triste anular um orgasmo sexual, assim também o é, quando tocado pela agulha da inspiração que activa o soro de toda a libido cósmica, anular a vontade do povo com a radiação de "Little Boy e Fat Man" que hoje fazem os muros de enes linhas dos discursos dos nossos deuses.

Neste balão, já canalizado na jugulação de expor o mundo que nos pariu, damos à palavra o que ela apenas busca, onde agrada pensar que nada existe, se acreditarmos que tudo existe. Enquanto se escreve, sem se importar com os anti-corpos do rio das ideias que fluem; escrever sem a pressão das taxonomias e nomenclaturas literárias, ser entendido por um (un) iverso sem limbo, sem (tr) aços, sem pontos parágrafos, sem espões, sem censura, sem burocratas, sem o gatilho dos hífenes; escrever apenas sem olhar que há um puma na poeira ao lado, fiscalizando o fanfarronear dos versos que estimularam a liturgia desta imaginação. Queria sentir-me vivo apenas uma vez no ventre de uma excitação não-oscilatória e, entre termos semelhantes, simplificar, no remo da subjectivade, o fragmento de uma ideia sem carta de condução.

Neste chão, não importa a cor da palavra, a forma ou o tempo de vida, a métrica ou a rima em combustão, o sentido ou o sexo do verso, a origem mono ou polifilética, altura ou tamanho, nem a língua ou a maneira como comunica, se xinga ou fala bonito, não importa a sua etnia, se é um texto

de barro, de ferro, de madeira ou de plástico; aqui, nesta bacia, cada grito é.

Quanto ao sentimento do grito, depende do estado de alma. Toda e qualquer lágrima deve trazer, na cartola da sua cintura pélvica, o batuque do ritmo, da melodia, da rima e da harmonia. Todo o grito traz consigo seus fantasmas e instrumentos musicais, uma banda de razões, onde o povo vai querer, depois de já não mais estar dentro dele, beijar, abraçar e exprimir o seio teso da ânsia do verso, para sentir o roncar do mesmo fute no mamilo da imaginação.

Nestes papéis, eis o eco da minha voz, onde deslumbro em cada verso a tumba colectiva de um povo. Sofri forte pressão deste fulgor, era como se eu estivesse lá, no antro dos gritos, para pegar as mãos de deus no fogo dos versos e pastar sem desprezo a elegia do semba de Bonga. Também, senti orgasmos espirituais várias vezes, não tão distante do inferno profundo de Dante e do cheiro do zimbro que trouxe a noite, que plantou em mim versos com vontades próprias. Nesta república da pedra, o povo copulava ao ar livre, na escuridão do dia e na luz da noite, onde fungo mortífero crescia com o calor de uma pátria partidarizada, sem o tamanho calorífico de todas as variantes éticas. Aí, sim, o povo alimentou-se de seus próprios fantasmas, aqueles que antes não davam vozes à boca da verdade.

Agitei as águas da imaginação, onde os gritos buscavam um porto na água turva da criação, algures da pátria que procuro na língua rugosa dos chacais.

[SÉTIMO PRATO]

URBES LUDIMUS

...

Ser deus, aqui, impossível é, onde ele já o É por imperativo e a responsabilidade de o ser noutra vida, pertence a nós – como dizem mesmo os pesadelos da polis das minhas ideologias, num céu cuja abóbada emite uma membrana de farelo feita à base de lamas de peripécias e fezes de poder: quem entre vós é mais poderoso e astuto que a serpente do jardim, cuja essência se encontra no cerne deste mármore? Quem é tão igualzinho a si mesmo, capaz de mudar os seus sentidos em nome do orgulho e da ganância sua? O mundo é feroz por excelência, iguais são as feras que vedam os portões da liberdade.

Feras são mundos que abrem os portões do medo que para vós cultivado foi, por detrás de uma inconsciência racional existir é perigoso e, para o bem daquilo que se é nos meandros de um outro antrope, vale a pena ouvir e entender o sino do silêncio com a luz baça da prudência, empurrando no devir um homem, um novo homem.

Aqui, as noites pertencem aos bichos e aos homens, pior ainda, ó barros de pobres senzalas, cujo fôlego que em pé vos mantém emprestado foi; os nossos dias são fragmentos fáceis de fazer pretéritos e a lágrima é igual a um espelho de argila, onde sentimos a fragância da nossa alegria de alecrim.

Toda a fêmea transcende à loucura, já o macho é a real transcendência da loucura, cujo gatilho que o manipula é o sexo. O mundo pertence-nos e nós a ele pertencemos. Não

somos obras do acaso e nem o acaso é obra nossa; aos olhos das partes, o que o todo é, É.

O tempo não tem listras, sua bâtega não se oxida como o ferro e as unhas pelo fungo. Uma simples gota de suor nos faz chegar a um ninho de monstros, um simples osso de mabeco tem o caminho que pode guiar-nos a um ossário de dinossauros algures do jurássico.

Há um cemitério de vícios nos olhos de cada um, pois a língua, com papilas de desdém, é feita de guilhotinas com lâminas de ponta, piras seculares de roteiros de dizimações, crematórios infinitos que competem, cujo petróleo vem das malmequeres ou de dóceis falsas palavras das marinas da saliva.

O bode diz que tem, também, jubas e nelas acampam as odes sacrais de Hitler, lá onde as lagoas só aos sapos pertencem, quando à música vem de um bairro de grilos ao lado, sempre que à noite vem, como noiva, saudar no necrotério a colheita. O leão diz ser ele deus, lá onde os rios secos apenas aos crocodilos do nilo e hipopótamos do kwanza pertencem, enquanto os gnus marcham para o norte em busca de terras verdes prometidas.

Toda a inteligência diante desta luta de «ser ou não ser» pertence aos cágados – diria o ninguém, um velho habitante do alto das alpes da chela: essas tartarugas juizes que inspiraram Sócrates são sobretudo a base naval deste universo intangível.

Os cães são inteligíveis profetas, enxergam mundos que flutuam além dos nossos olhos; os uivos são diálogos de ouro com quem melhor conhece o tempo. Não importa o sangue, nem mesmo as hélices dos ácidos nucléicos, iremos

HÓSTIAS DE JERIKÓ

dizer aos babuínos que agora sabemos tudo sobre como a vida começou, sem que os homens se importem com o manifesto da nossa argúcia. Esta é a pintura da qual eu falava sobre o mundo. O quadro da isotopia do medo na cidade da diversão.

SEGUNDO BANQUETE

NA SOMBRA DAS RUAS

[ESTÁ A PRIMEIRA SOBRA]

...

1

Ferve morte nesta pujança primitiva; olhamos impávido ao mundo sobre as barbatanas negras dos tubarões de águas profundas. Sem juventude, mãos tremelizando, preso na bengala com uma visão translúcida, ente trucidado pelo destino num presente opaco, ovelha peluda da gramática de uma pseudovida, tenta com a tal vida cirandar senil, subir os muros compridos de jerikó para conferir todos os órfãos da velha cidade que ainda morrem recolhendo sobras, antes de os escombros renunciarem a ferrugem do martelo dos lupus negros, onde patinam desprezos, como cains que sulfam no sangue venoso dos Abéis.

2

[Re] nascemos da sarça de uma vida apócrifa, montando nas páginas da rua cavalos de células trancos, para pisotear a alfombra de dias tristonhos, lá onde despertamos as pedras que conservaram o ADN de Estevão. Agora de cócoras, celebramos no cerne do desenho pétreo destes verões líricos que formam isómeros lisos no cheiro látego de um manto génito desta azáfama de cios solitários do terceiro mundo,

que buscam lareiras na lama do pano das armas babilónicas das honras de personalidades recessivas.

3

Daremos azo ao nosso próprio *fatum*. Sentamos no sal dos ditongos azuis e na trança negra da génese da identidade, transpirando a lucidez na trucidada de todos os imperativos de tábua. A tábua transformou-se em notas musicais que deram capelas fúnebres às óperas da pátria, onde tenta sorrir o semblante de uma negra lua crepusculada, para pousar a deriva sobre a nuca das nossas montanhas proletárias e montar no silêncio da rua uma árvore de natal com todos os profetas de Nietzsche. Pedimos permissão a Lenine e a Marx: não se pode parar agora, quando se busca um futuro cujas sementes estão nas lágrimas da maioria.

4

Somos nós a palavra, a (pá) lavra, mitemas de lágrimas que ganharam almas sem formas de uma terra submetida à fôvea endeusada de kepler, vomitando eclipse em terras férteis de ismos amargos.

5

Somos nós palavreando, não precisam encontrar-nos nos orgasmos solenes dos bêbados, nem no lúcido sémen dos loucos à deriva, encontrem-nos na rua de forma microscópica e aguda, encontrem-nos nos tijolos do vosso entendimento secular. Nas papilas gustativas da morte e no intestino grosso da vida. Ali, podem tocar-nos com toda a gordura dos pesadelos e saudar-nos à vontade no ranho sonâmbulo da pátria. Podem despir-nos e cortar-nos em pedaços, já que é a forma amigável, ideal e anatómica de se conhecer o

género de um murmúrio de barro criptografado. Nesta estrada negra de esquivar crateras, como se o big-bang viesse da mulher, trazer sobre o bordel todas as núpcias num só período menstrual de desordens, onde o pobre não vê partes no todo inteiro e no enterro parte para o todo, partindo para o todo inteiro, onde o silêncio é um tribunal apocalíptico para os andarilhos da mente, onde aprendemos que em cada verso seco pode apontar-se uma arma ao critério de um desejo enferrujado, arrancado no olhar económico de uma meretriz.

6

O ponto que interceta o outro é azul. Nesta perpendicularidade, podem dar-nos como noiva babilónia, neste salão pintado com as cores de sodomia e gomorra, toda ela decorada com o jardim de uma promessa que almejou californiar Benguela, com um coral que entoa a angústia dos judeus, feito com as lágrimas de Albert Einstein. Não haverá epifania alguma, não se levantará serpente nenhuma e não brotará peste alguma. Ainda que alegre for a visão de uma lebre de laudes, aos nossos pés apenas nós cairemos.

7

Metamorfoses do amor. A baleia azul confunde a metáfora da cor do oceano. Qual hidrologia despiu o deserto dos nossos olhos, miniaturizando a morte das unhas na queima natural das barbas!? Procurem-nos como mulher de fósforo, que logo perde a cabeça, e podem servir-nos com a sombra ideológica do calendário de Adão, porque sabemos que há sempre um descontentamento a chupar a glândula dos nossos contemporâneos. Eis aí a lanterna da vida, sufocando no mais espumante esperma da dúvida.

8

Pertencemos à quinta dos vaga-lumes, beijando partículas de rádio; tiramos da algibeira de uma ópera um supermercado de anjos comestíveis; do olhar intelectual das águias extraímos murmúrios ricos de deuses e guitarras mitocondriais no livro de Salmo. Eis aí as algemas da alma enredando os portões da imortalidade.

9

Escrevemos vidas nesta selva de oses, onde também somos temporais partículas de salivas, espectros que partem sem o si na arte obsoleta, prismando cristais imaginários no barulho das culpas. Eis aí as vossas ruas, pintadas com epístolas coloidais, entre os pretéritos de praças de raças cruas.

10

As nossas falas jamais se submeterão à circuncisão dos leões. Não passarão nunca no aguilhão dos escorpiões negros, cujo veneno se esconde no âmago dos abutres que seguem ermos e cruzadas, aqui mesmo nas pálpebras da pedra, fisingando mundos entre as pernas abertas com redes de teias de aranhas imaginárias.

11

À rua, já sem lua vermelha, fez-se uma laje de jubas prometidas, empurra-se nostalgicamente nestas teias de vícios moribundos, onde, pejorativamente à noite, empunhava uma lâmina lógica de delírios épicos, a favor das quatro luas de júpiter; as fogueiras onde sentimos a presença das óperas e acendemos o prepúcio nicótico destas lenhas integrais. São as propostas dos mesmos babuínos que se forraram de

HÓSTIAS DE JERIKÓ

universos de versos de sangue e galgam no limbo dentário das fórmulas caducas das formas velhas de barros vivos, que fizeram cisnes de ambiguidades, convergindo caminhos em apologias aos ócios e bordeis de deuses eróticos, para que, com olhos de toupeira à luz do dia, se faça um ritual de imortalidade com o cordão umbilical dos fetos que ontem costuraram, como aranhas peçonhentas, pátrias de cedas, com o umbo da espoliação, com o objectivo de asfixiar o futuro de um pensamento nidícola, que ainda cumpre as fases de seu ciclo natal no casulo pétreo do presente, onde amadurecem os princípios universais da vida: eis aí a arcada dentária e niilista da nossa história.

12

Não importa o quanto a chama aplaude as agulhas de Lote, tudo menos o juízo da palha que só aumentara a gravidade dos profundos sonos com dores de cabeça dos pica-paus, entre as baratas da morte que prateiam as unhas das raposas, já entre os galinheiros da pedra: aqui, os galos sempre cantarão de manhã.

13

As nossas cruces já velam pela escuridão de dias repletos de pintores apócrifos. Rastrear a saliva dos cactos do deserto, que já não se encontram na sua eternidade edáfica, é boémio, onde o calor estonteante traz na rádio um tucano cuja cauda afirma: é impossível perfurar o hímen dos céus com os chifres de uma lágrima sem escama, onde uma lagosta traz, em sua banha de éticas, princípios de uma filosofia do futuro.

14

Esqueçamo-nos dos dedos e da tinta indelével no indicador. O dedo deve apontar para um futuro sendo feito aqui mesmo num presente que se chama agora. O silêncio que abraça a alma passa através de um ofídio incólume, num grito obeso de sonhos alheios. Nele, encontre o teu *eu*. No veneno das gorduras trans e na inocência dos sapos, destrua o mau colesterol que abomina a tua inteligência. Ouçam-nos bem: não importa se brota de novo uma nova cruzada: nós amamos a loucura de amar, mais que a lama que tanto os porcos buscam em terras de ninguém, onde tanto esterco orgânico de cadáveres se fez. Eis aí a carpintaria das nossas renúncias.

15

Não entendo a semântica destas palavras, nem mesmo o amor que os javalis têm pela lama, embora estes possuam a inteligência de um deus na visão da pedra que os tira ansiedade – “Na sacristia com os acólitos do diabo”.

16

Todo o rosto traduz um deus de espólio no espelho, enquanto pertença do reino animal. O sonho faz-nos ver o mundo lá onde sentam à mesma mesa Pablo Neruda e Pablo Escobar, a beber petróleo bruto num bar em Cabinda, cujos pilares foram feitos com os ossos de Lincoln. A saliva dos nossos pesadelos mostrará sempre o sol das sete vacas magras montadas por andarilhos uma por uma, como o cavalo de tróia em busca de uma pedra algures do túmulo de Jonas. Nini (vê) é aqui mesmo.

17

O verdadeiro conselho na vida vem dos ossos; os mortos são os melhores juizes dos vivos e o cemitério é a melhor igreja do mundo onde os católicos, os da iesa, os da baptista, os da luz do mundo e outras congregações professam a mesma fé e todos têm o direito de se calar e ouvir apenas o silêncio falar, lá onde Deus fala a vontade, com a Bíblia aberta no livro de Macabeus.

18

Quando se está na cama com a alma agonizada, percebe-se que o cheiro dos cemitérios não cabe nos ventos do tempo, nem mesmo num só cigarro feito no inferno à base de cicuta com a experiência da Coreia do Norte. Na pujança dos coveiros, continuam a ferver almas como se o sonho se importasse com o valor dos cadáveres do vinte e sete de Maio: a república perdida. Eis aí os nossos mártires.

19

O todo vê-se pelas suas partes e deus só é percebido geometricamente num plano tridimensional: *pater, filius et spiritu sanctu*. Não entendemos isso, não podemos perceber: deus não pode ser entendido. Hoje, no meu bairro, mais alguém faleceu de malária; são importantes o vinho e a cura que nos foram dados de graça. *O pão nosso de cada dia nos dai hoje (...), livrai-nos de todo o mal.*

21

Na graça, um bairro em Benguela, a graça, nome de uma bebida alcoólica e alcunha do meu amigo Graça, onde sinto apenas o cheiro queimado das sombras destas mulembas

eponímicas ao olfato das garças. É perigoso demais colocar os ouvidos do dia na trilha das cinzas de Jó, para ouvir em cada átomo das proteínas o cheiro de trinta sobas do bailundo.

22

Canto Luz terna suave; faço o mesmo que as moscas do vinho e do vinagre fazem, quando estão diante de uma caravana fúnebre, antes da ceifa de quem entendeu a metafísica dos dentes. Eis aí a alma do *eu* no epizóico da matéria falante.

23

Neste episcópio de pedra, o prepúcio é uma plataforma viva, uma sonda de mundos, onde a física e a matemática não podem ser interpretadas com o terço, chave-mestre para abrir portais, buscando a oração do pai-nosso como recurso teológico.

24

Percebe-se que há uma força nidífuga que apalpa os glúteos do teu barro e, na poeira dos ídolos dos crepúsculos, despertar um necromante, lá onde batemos às portas junto com os cães que nos caçam por termos buscado democracias e regenerações totalitárias com ave-marias e cheias de graça.

25

Nossas palavras jamais serão circuncisadas, ainda que a história ganhe carne nessas terras de ninguém. Eis aí, no

sabão dessa praça de palavras, o cheiro da nossa pedra ainda não lapidada.

NA FOGUEIRA DA HISTÓRIA
[QUEIMA-SE A SEGUNDA SOBRA]

...

Quão plumbico e melódico é o silêncio triste da nossa história! Nu, parado sobre a velha ponte dos barracões, em nome dos restos mortais de um cemitério apagado, oiço, rugoso na oralidade dos nossos ancestrais, o rugir obeso do vício dos fantasmas destas distantes áfricas, fragmentadas nos cílios acesos da nossa história, orientando memórias na bússola de ventos cósmicos das erecções atípicas, onde homens insaciáveis pelo poder negam, com sangue dos dogmas, a soberania de uma nação.

Renuncio Jó no eco das feridas crónicas. Anuncio um Cristo cristalino na plataforma da lágrima, esporifico-me, escudo meus medos na cauda eléctrica das enguias. Como sol, levanto-me da cânfora do passado, com nódoas de um povo triste que foge de seu próprio barro, feito sombra profana de um vício oportuno. A genocracia aquece, no tronco dos reinos da história, um mundo apenas visto no tubo de ensaio da ganância. A marcha de um povo rico e miserável reflecte na tal eternidade da lágrima, a miséria rica de um povo, onde os torpedos de almas feridas procuram, no farelo dos martelos, decompor-se em chamas negras de algodão, nestes solos aráveis de vidas inocentes e que não pediram para serem partes vivas das borrachas que fazem o trilho dos pneus de um sol escaldante, que há muito se nega nascer no feno da mudança.

Uma linguagem de guerra espreita no invólucro poroso desta isotopia. Envelhecemos com o sonho nos murmúrios de uma ilusão virgem e enferrujada, onde vemos ovelhas bípedes a negociarem o futuro na pira dos jaguares. Carneiros insalivados no binóculo insano dos dentes das feras com o inoportuno dos ismos. Na hematose da verdade é proibido inspirar conhecimento, para tirar mitocôndrias jovens no ambiente da existência, para fazer arder, com um grito, o fogo da liberdade. Se Kautilya estivesse vivo, ainda nos teria dito, agudamente com letras maiúsculas: "Não se deve ser directo demais. Veja a floresta. As árvores rectas são cortadas, as retorcidas permanecem de pé".

Na sombra oportuna do sublevacionismo, a ira do ego toma a cadeira de ferro a sangue frio, enquanto na obra inoportuna do exibicionismo o mundo percebe que passos desencontrados trazem júbis negras diante do cheiro da eutanásia da pedra, que sobreviveu à base dos bêbados que urinam prelúdios de vômitos, onde as eras deram passos empobrecidos, para radiografar o barro que exhibe o perfume dos necromantes.

Desperto dentro das gaiolas do meu próprio sonho. Num sonho calvo de uma pedra angular qualquer, já se fez dia um dia, mas ainda nesta canção entoada com um batuque de pele ferida, tocada por mãos de entes do submundo que sobem ao pico das pedras íngremes em noites de luas cheias, para ver o que sobrou do palácio das unhas, dilatando nossas tristes vozes, onde jazem as nossas noites, nessas bacias tridimensionais do barro onde lobos passeiam à vontade, predam a nossa própria história com algibeiras cheias de luxo e luz. Não tenho como discordar de Albert Camus: "Nem a justiça nem a liberdade são possíveis quando o di-

nheiro é rei". Nos limites da história, nascem ecos de factos que deram ponto final ao ponto da vida.

PENITÊNCIA DOS TRISTES

[NA TERCEIRA SOBRA]

...

No esgarço de uma rua, quantos sobas já inventaram o futuro de uma pedra? Na mesma rotação da lágrima, quantos ossos veneram a paz liberta do salitre de uma espingarda, se ainda continuamos a comer o futuro na fogueira que emite fagulhas de culpas electrónicas, sempre que despimos a pedra com apenas uma chamada telefónica!?

Ninguém percebe o intróito da repetição, nem mesmo a culpa de um silêncio tamboril que brotou da ferrugem vermelha dos sonhos acústicos, que ontem tiraram da banha dos outros o esterco das verdades nuas, para plantar futuros de discursos azedos que ainda não nasceram de quem já não pode servir-se de fé junta, sabendo que os céus dos campos de pastagens já se enchem de abutres petrificados à margem do que a lei já não pode responsabilizar, nem mesmo o relato de um coveiro que reivindica com pá, pilha de cadáveres que tentam atravessar a profundidade de uma palavra.

O medo é uma simples agulha dourada numa bússola de papel que pica um país com espinhos de aço, numa casca de parede velha, perfiladas de meretrizes tristes, aclamando ilusão para ser um animal qualquer, reconhecido por moscas de todo o mundo, para potenciar remorsos nas ideias dos galos, como afirma René Char – «falas com um cão, ele olha para ti com os seus olhos bondosos. Diriges-te a um

homem, ele morde-te»; nesta folha de liamba, pintam-se as festas de viúvas alheias, onde ovelhas não podem confiar a lobos. Como vomita Hill, "não só a voz do pastor incita à acção, como se ouve o líder a tocar o sino e a tendência imitativa do rebanho que faz com que uma salte, porque uma que estava a sua frente também saltou e, assim precisamente, até a última ovelha saltar".

Na ganância, rugi um discurso sem humanismo, onde imperam radiactivamente leões bípedes sem jубas, nem bigodes de bodes expiatórios, ordenando desafinadamente a mente de quem aprendeu a ser ovelha durante toda a sua nação de infância.

Agora, entende-se o ruído de uma lagoa, lá onde a civilização se faz influência capital na escada primitiva da evolução humana; enquanto os sapos angustiam o renascer de uma África que se empresta antes de dar as cinzas à responsabilidade de deus, uma espiga preta encheu, com as cruzadas e as indulgências, o banco estadual da pedra que hoje se enterra cabisbaixo no fundo da crosta sangrenta das mãos.

Estou preso na ideia de que o medo é contagioso, é um alimento precioso do erro. Olhamos com certeza ao sol que vem de uma montanha de ferro feito à ponta de uma agulha que traz, no brilho da manhã, a ferrugem da caspa dos que partiram. Nos mesmos ventos da partida, nós, farelos vivos da terra, empurrámos com passados apodrecidos as painéis vazias nas praças públicas, hoje públicas em todo o lado onde a nudez dos homens alimenta a orgia da pátria que respira o enxofre na versão mais actualizada de Pilatos: deste-nos de beber a água com a qual lavaste as culpas que fazem a sujidade ambígua das tuas mãos.

HÓSTIAS DE JERIKÓ

Eis aí o mundo, na cubata de uma ideia forasteira, onde os pastores têm mais recursos que ovelhas, mas juntos bebem vinho tinto no palácio de César, no sínédrio divergente das mesmas leis, no quinto andar de Caím, onde trepam com as mesmas damas, também ovelhas, e esboroam o futuro que padece de osteoporose com excesso de preguiça no xadrez do vício. Desculpem-me, excelências, ainda há um banho de cianeto neste cú de judas!

Agostinho, o santo, tem uma história libertada pelas confissões, um livro da cidade dos homens, onde anjos e demónios têm a mesma imagem e semelhança de Lúcifer, apenas desiguais no discurso da causa e na interpretação dos efeitos; o mundo é uma sombra qualquer, inspirada pela música.

O que convém é o mar, esta mulher expatriada, sem sexo, ora alta, ora baixa, ora índico, ora atlântico, como a cidade dos homens, que tudo pacificamente recebe de todos os rios efêmeros e faz escorrer sêmen e fel em valas de drenagens de exóticos entes; o mar, este baú de espólios, é pequeno demais para compará-lo com o futungo, uma amazónia de espelho onde cruzamos com as insónias para se encher de repúblicas bélicas e sombras de cupins abandonados como barro nos poemas de vida de um plebeu.

O destroço não me lembra da sarjeta, aquela fuligem da força, impávidas orças de remorsos que apalpam os bairros de adobe, onde se mexia a lama do antigo testamento com o grui; as almas que já não conhecem Deus, conhecem melhor o caminho para a eternidade. A lágrima, o lago preferido de Pablo, seja ele Neruda, Escobar ou mesmo Picasso, é a fonte de muitos ócios. Nela, apenas a saliva das mambas

pode igualar, quando esta ousar cuspir no rosto de quem nasceu para servir às cores do comunismo.

Com o renascer dos antagonistas, esses piolhos pertencentes ao filo dos pedófilos com pulsos de diamante, engordaram a sina dos generais erguidos com a isotopia do medo, num balaio de riquezas antes de o Outubro se erguer sobre os ombros da voz, de uma pátria sem crina, estuprada por vontades políticas de quem busca violentamente por estrumes para um futuro de filhos férteis e produtores de linguagens e anedotas do bem-fazer, para regar a flora no dia mundial da árvore. Aqui na pintura da vida, uma tumba de madeira tosse nas vestes pretas da carne.

As árvores, os próximos ditadores, doutores em tamanhas soberbas, os nossos próximos colonizadores financeiros, trepadores das filhas sem quaisquer batalhas sentimentais, próximos donos de prostíbulos, esses negros brancos como nós do berço brancos negros, que se erguem do subsolo como toupeiras, na sombra eterna da caverna, são vermes incandescentes acumulados no rectângulo da fome para entoar mais óperas, em notas agudas que nem Deus entende, desde o momento em que foram dadas as costas ao banco nacional da nossa argúcia, já galopante na pureza dos nossos sonhos.

Às vezes, penso que o inferno é aqui, no berço da nossa pequena humanidade, onde evoluem os nossos governantes imaginários, nas universidades de Lúcifer, na luz para impossibilitar iluminar a nossa caverna, onde hibernam os nossos silogismos de culpas.

Afinal, a pátria é um cofre de incertezas, basta olhar pelos habitantes da lágrima e compará-los à noção do valor que se

HÓSTIAS DE JERIKÓ

tem de Vicente entre os céntimos. Por isso, todos estão de olhos, inclusive os próprios olheiros do diabo.

Seja qual for a história deste quadro de arte pintado por nós, afinal, viemos das mesmas árvores litúrgicas em meio a mulher. O Março pertence à rainha da colmeia, às formigas negras do berço, aos mosquitos da febre, aos santos da ilha, à Fátima do Jardim, aos buracos da alma, aos discursos ferrenhos dos políticos, aos enxames de lixo, às fazendas dos mestres e magos da poluição linguística, aos demónios irónicos da Jamba, aos que nasceram e não vivem aqui, aos deuses da cidade alta, aos donos da paz e dos exércitos de tróias, aos que negaram Cristo e aceitaram Barrabás, aos que constroem Angola desconstruindo-a, às nobres princezas e aos nobres príncipes deste Éden, almas incandescentes de um santuário algures da nossa pedra. Bem-haja à nossa nudez, onde *felizes são os pobres de bens e de espíritos, porque deles é o reino de deus!*

OBESIDADE OLIGÁRQUICA

[NA QUARTA SOBRA]

...

O tempo é o verdadeiro parafuso da mudança. Aqui, o tempo é, também, a porca chave do mundo. Diante desta força, todo o ser tende a transformar-se e o presente não tem poder sobre o que se é, substituído de todo o poder que exercia, ou seja, parcialmente de um outro *eu*. No fim de uma existência, começa uma nova era, quando morre outra, uma nova ordem, no congresso do ser que se transfigura.

Esta alcateia de lobos fiéis a lobos alfas, envelhecidos e destituídos da presidência da pedra, ainda vagantes das sombras e penumbras de suas forças de Batman, renascem em suas próprias jubas o jugo das ameaças, na fogueira nepótica de uma tradição antiga e inacabada; e, por influência de um lobo desconhecido, desconhece-se também o espírito canino de predador do topo de uma cadeia alimentar manca, adormecido na medula vermelha de uma ovelha activa que assumiu o posto de um carneiro passivo, durante toda a sua hibernação, e agora renasce da espelunca e da luz de aprender no sono com as feras, candidatas a aquecerem-se na furna acesa do canibalismo.

Na escada da teimosia, não se descaroçam dentes, ainda que as toupeiras renunciem a toda a filosofia da ignorância. Na tele-visão, desova algo jamais visto: cordeiros e lobos apresentam pontos de vistas convergentes e debatem o futuro de uma nação, debatem as novas tendências políticas desta arena que se chama pedra. E na assembleia põe-se em causa o artigo que defende o direito à vida dado a todo o cidadão desta pátria. Na palavra, estão os homens barrigudos com lábios carnudos, homens com intestinos políticos entupidos de fezes de hipocrisia, homens com bexiga imperialistas cheias de urinas coloidais, que deram divindade aos rins de uma obesidade oligárquica. Miragem pura!

Lobos e Carneiros têm o mesmo direito ou direito têm os lobos a serem carneiros (!?) Dizem as manchetes. Na página internacional sublinha-se: lobos norte-coreanos testam bomba atômica no sul do pacífico; guerra na síria entre lobos e carneiros se dá por terminada; Carneiro ganha o prémio nobel da literatura; carneiros já podem entrar na África do Sul sem visto, coisa que só era permitida a lobos; carneiros bombas explodem num jornal em Paris, numa pe-

dra da Europa e matam mais de quatro lobos; o texto das notícias internacionais continua: um lobo de anglaterra, a capital da pedra, é caçado nas pedras vizinhas, acusado de branqueamento de capitais, corrupção e está envolvido no processo lava ratu; no mármore, um lobo com nome de molusco foi preso, por cometer crimes contra carneiros; lobo preto coopera com lobos brancos, para traficar carneiros e deitar nos tapetes de suas orgias internacionais e nacionais, para construir um mundinho africano com o vício de beber petróleo e engordar os bordéis com as memórias de suas putas tristes, enquanto no dinheiro a cara que lá se encontra estampada pertence aos lobos.

Segue a notícia: o velho lobo que liderou uma alcateia ao longo de 38 anos morre no exílio, enquanto isso, do outro lado, terra que se diz natal do falecido lobo, carneiros festejam em cânticos "...vai levar a mensagem no carneiro... porque o povo está a sofrer"; ovelhas pedem alternâncias em nome da cadeia militar antes mesmo do funeral de um velho comandante em chefe. Continuam as notícias. Lobos perdem as eleições gerais na pedra e carneiros colocam galos no poder. Lobos não aceitam a derrota e usam armas para mudar o quadro. CNE dá vitória aos lobos. Galos discordam dos resultados apresentados pela CNE e pedem recontagem de votos. CNE nega a recontagem e volta a dar vitória à alcateia comunista dos lobos. Galos madrugam e dão entradas de reclamações ao TC. Lobos põem polícias e forças armadas em prontidão combativa em todo o território nacional da pedra. TC invalida reclamações dos galos e deposita verdade ao apuramento que dá vitória à alcateia dos lobos. TPAs informam a favor dos lobos, denigrem a imagem conquistada pelos galos. Luz baza, tudo escurece: a vida e os sonhos. Tomo nota a zumzum da escuridão e tiro

da alma molhada alguns dizeres: serão mais 5 anos de prostituição política. Já tenho um cardume de lambulas inocentes à espera de mim, algures das profundidades das praias do tômbwa, para pegar um barco de papel que me permita velejar até onde dorme o sol. Enquanto isso, bebo um vinho verde, ouço desapego de Flagelo Urbano, dou um ponto parágrafo ao stress e percebo que, no fumo dos cangonheiros, sonhar é mesmo proibido.

LATRINIZAÇÃO DO ABSURDO [NA QUINTA SOBRA]

...

Já soa o sino da emancipação. Extraímos sêmen de mudanças no cálice negro da infertilidade, com o verbo produzido nas asas incorpóreas de águias africanas que pousam insubmissas no alto dos nossos quilimanjaros adentro.

A pedra retangular é igual à sombra de esperança de nossas próprias paredes. Nela, o mundo esconde-se e invagina-se na pupa da incerteza, onde se espera libertar, das amarras e proeminências desta pele sofrida, o homem. Neste mosaico pátrio, os cães levantam sempre as pernas que denunciam bexigas cheias para urinar a nós desprezos vazios; é nesta tábua onde se busca a história de um pretérito soterrado há séculos na poeira vermelha produzida pelas mãos dos calinos.

A pedra não precisa de um nome para justificar diante dos juizes as cicatrizes amarelas que traz no rosto. Toda a aparência é perfeita nas nervuras de suas curvas, igual a um sonho já manco sendo ferido na fila do multicaixa. Ela é

HÓSTIAS DE JERIKÓ

preciosa, é fonte de fortuna e matéria-prima de várias representações de opulências. É dura como o ébano.

A pedra fez-se uma arma de combate e, quando confiada a ela mesma, abate qualquer raça. É a laje da teimosia que deu pentelhos e túmulos aos ditadores. A pedra é, também, um santuário que une anjos e demónios em nome do mesmo tronco, um lugar ideal para um encontro com Deus. A pedra é fonte de sabedoria, como aquela gigante da tumba de Cristo, aquela pedra de carne que deu nome a Cefas: "Se és filho de Deus transforme esta pedra em pão". Esta pedra é mesmo aquela do deserto que não foi transformada em pão burro nas três tentações de Cristo.

Ouvem-me, ó águias dos altos montes da vida, a pedra é um mundo por excelência, onde existir sem nomes nos coloca nos ósculos «beijos» das preocupações cósmicas.

A pedra é o palco de ensaio dos poetas da morte, os poetas sem nomes. A fogueira indelével do silêncio, a mesa oportuna de um tempo despido, a fonte de informações das nossas origens apócrifas. A pedra é uma pátria de diversidades. Um mitema na sarna profunda do desgosto. Uma tesão na sãnie das madrugadas.

Escutai, ó aves de rapina dos céus e da terra: a pedra é um livro de mistérios onde se dobra o cordão umbilical do abismo da nossa essência.

A pedra é o ossário dos nossos antepassados. No fundo, um retrovisor aberto no nosso tempo.

O CRIADOR NÃO É NECESSARIAMENTE DEUS
[É SEXTA SOBRA]

...

Na pátria da pedra, ouvi um deus dizer que "não há milagres, porque Jesus Cristo morreu há dois mil anos". Todos os seus/céus aplaudiram. O mesmo deus, vestido de vermelho, preto e amarelo, com uma estrela comunista timbrada ao peito, voltou a afirmar ao povo que controla que "Deus, entre as letras do abc, é membro activo do partido M". Voltei para um passado eduardista onde um pastor além-mão tinha dito a um povo eleitor e cordeiros de sua catedral que a bandeira do tal partido ao qual Deus pertence, desde a criação do universo, foi pintada com o sangue de Jesus, não o Jesus Domingos, mas do crucificado pelos romanos, muitos séculos atrás. Este país encaixa-se muito bem nos princípios que os outros já levantaram: onde tudo é proibido, nada é permitido e nada é proibido, porque tudo é permitido. Nesta ponte, sou um desvio à norma e, por isso, nesta reflexão, trago uma pátria da pedra que, na visão dos outros eus, "é proibido proibir." Na verdade, é sobre outra coisa que quero escrever. Sobre ela, a vida nela.

A ode que veste o populismo dos porcos é, também, entoada pelos pássaros carnívoros no contexto panorâmico das nações. Os ventos do mundo colocam-nos as variadíssimas posições binoculares sobre os mestres da suspeita, nomeadamente: Marx, Nietzsche e Freud, por terem engendrado a teologia da morte de Deus no altar do criacionismo!?

A problemática da origem da vida é um ponto de partida de vários pontos que não se calam nas bocas de "peregrinos da dúvida", seres que procuram respostas tanto em si, como nesta gigantesca esfera da vida, ou mesmo fora dela.

Como sugestão, neste campo, teríamos de admitir “atrevidamente” a existência de uma força que cria, uma energia potenciadora de vida, vida enquanto vida em si mesma, luz que transcende a dimensão racional humana. Se acreditarmos na existência de uma vida superior à nossa capacidade, então, temos ou teremos de aceitar, diante de todas as coisas simbólicas e não só, que tudo é divino, embora não seja necessariamente deus o divinizador de tudo nesta teia infinita do cosmo. Talvez estejamos a ser egoístas demais ao afirmar que somos as únicas vidas inteligentes que habitam no universo inteligente, o que abre a possibilidade à negação da existência de uma vida criadora ou de muitas, para destrancar portas na co-existência, para criar limites onde duas ou mais mãos divinas se encontram em nome do universo. Vidas em uma vida ou vice-versa.

O princípio criacionista, tão absoluto (pensa-se), é visto como a mais correcta hipótese para fazer o juízo do todo (o universo e a vida). Esta teoria aprisiona toda a possibilidade de busca, naquilo que não se busca e sente-se. Esta razão constitui o píncaro, senão mesmo o alicerce do monoteísmo, até aos olhos dos nossos dias (contemporâneo). Ao invocar-se a presença de um deus soberano e criador do cosmo (o todo inteiro-ideia que anula a existência de um universo infinito), definitivamente nesta arena, interrompe-se o progresso de qualquer explicação contrária à posição de um deus que se busca como o arquitecto de tudo – como, por exemplo, o da paz, o da benevolência. Então, vejamos:

Antes de a terra ganhar forma (Gn-1-2), o espírito de deus apalpava sobre as águas. E porque entidades intangíveis apalpavam sobre as águas, falava-se já de um céu como “classe” de imortalidades? Então, o portador da luz veio de lá, caído ou empurrado, depois de a terra já feita e com seres

vivos, vidas racionais e irracionais nela. O que tem noção da existência e o que não tem. Inteligência animada e inanimada.

Nesta visão, admite-se a presença de uma vida fora da terra que, em nossa opinião, não seria necessariamente deus e sim vida que se justifica como entidade primária, presença que empurrava lúbrico o espião espírito da vida para apalpar sobre as águas. A água era, também, vida, mesmo não tendo ainda nela vidas. O homem vem do pó, mas a vida que o move não vem do pó, vem de uma força que existe, para que, com o pó feito carne, possa co-existir. Esta força que nos foi emprestada e torna-nos movíveis, animada, é a mesma que flui no búfalo, nas bactérias, nos moluscos, nas algas, na samambaia, na imagem e na semelhança de tudo que se move e move-nos para troncos desconhecidos.

Assim, homens apaixonados pelo conhecimento foram afirmar-se nesta dimensão de enxergar e aquecer-se diferentemente do fogo de ideias livres: Crick, um dos descobridores da estrutura da molécula do ADN, em 1981, publicou a obra com o título "a vida em si". Nela, o autor afirma que a vida na terra teve origem no espaço cósmico.

Esta posição genial de Crick libera o perfume de uma ideia cujas partículas se difundem no túnel olfatório da dúvida, fazendo vibrar os signos dos cílios de um mundo interior, para fazermos compreender que chegaram à galáxia via láctea esporos de uma supercivilização que vem evoluindo há biliões de anos algures. Nesta questão, acampa a panspermia dirigida que, nos dizeres de Paul Cou tou e Arrenniuns, permite-nos pensar que a vida é potencialmente onnipresente, sob forma de informações codificadas, prontas a gerar as espécies desde que as condições a isso se prestem.

Esta posição nos dá a ideia de que não estamos sozinhos no universo. Como afirma Paul, na sua obra *o universo*, se as sondas de galileu revelassem a existência de tais vidas fora da terra, isto seria uma das descobertas mais espantosas de todos os tempos. Estaríamos, certamente, longe de poder comunicar com eles, como quando o fazemos com os engenheiros marcianos do século passado.

Deus é extraterrestre ou terrestre? Caso seja entidade terrestre e extraterrestre ao mesmo tempo, será que a vida seria tão diferente nesta vida vivida e convivida ecologicamente e levantaríamos a posição de uma vida que se organiza harmonicamente diferente desta que conhecemos? Se for deus quem criou tudo e todas as vidas, não podemos levantar a possibilidade de este deus fértil e criador ter criado outras vidas em outros pontos do universo?

Nesta visão, este potencial de onnipresença vai significar a coordenação da vida em si e, em outras partes do cosmo, com o mesmo ambiente igual ao da terra, ou em ambientes onde a vida se adaptou de acordo com as capacidades de um deus onnipresente. Os olhos do senhor estão em todo o lugar, vigiando os maus e os bons (Provérbios, 15:3).

No entanto, a onnipresença significa a presença da vida emprestada por Deus a seres mortais em todo o lugar (!?), a co-existência no todo. Esta vida que nos faz ser, é mesmo a presença desta força divina que se diz ser deus, mas não necessariamente Deus. O que nos faz olhar para nós mesmo, quando achamos por si só que a vida vem de deus, na perspectiva cristã e não só, já que para os estóicos deus não é uma questão de onnipresença, o universo é divino, deus é o universo, o corpo no universo.

Esta última ideia me faz pensar no seguinte: a vida vem de deus. E se fosse ao contrário, quer dizer, se deus viesse da vida? Tanto nós, como deus seríamos parte deste projecto vida. Se a vida for o universo, então, somos parte deste. Como defende Espinosa, "a vida é uma potência de energia e existe uma única substância a que podemos chamar deus ou natureza, sendo esta a complexidade e o pensamento que formam as duas manifestações desta substância."

Se deus veio ou viesse da vida? Com uma qualidade a 100% de sua criação, então, afirmaria que tal genética divina tenha sofrido alguma mutação significativa nos "genes" e "cromossomas" do que espiritualiza a vida, para que deus fosse criado de forma complexa e completa, com a mesma energia potencial da vida, matando a energia primária para se tornar ele mesmo o alfa e o ómega, o princípio e o fim, o credo da existência. Um ponto parágrafo na dúvida. Colocar no meio do todo, como o tronco da imortalidade. Com o poder de criar, de regenerar e de todo o controlo do universo.

Deus é uma questão na co-existência, no aperto de mãos com o outro, no politeísmo e no monoteísmo em busca do infinito entre os limites das nossas capacidades humanas.

Que deus venha um dia experimentar ser Deus, onde o homem já o tenta ser, nesta pedra de Abeis e Cains. Neste ringue onde os filhos de Sara combatem com bala e tala os filhos de Agar.

**ONDE É QUE DEUS É DEUS? A MONTANHA
NÃO DÁ VIDA À MONTANHA
[O PERDÃO DÁ VIDA À SÉTIMA SOBRA]**

...

Está escrito no livro de êxodos, quando Deus se dirige a Moisés dizendo «eu sou o que sou». Assim, na visão de Agostinho de Hipona, todas as demais coisas não têm propriamente essências, pois, sendo mutáveis, seriam constituídas pela mistura do ser e do não-ser. Antes de platão ter sistematizado no mais alto grau a questão do ser, antes de a mesma excitação brotar no terreno cognitivo e espiritual de Agostinho, Eléias, Heráclito de Éfeso e Parmênides já se confrontavam com tais cogitações.

Se cair em mim uma presença, diria que uma entidade paralela se apossou de mim, colocando-me entre o real e as miragens. Nesta força concêntrica, aprenderia que Deus é deus no homem e, enquanto forma, orienta para si sinergias humanas. É ele na experiência, entre o racional e os sentidos, é ele na vida dos prazeres, da vingança, do amor, do ódio e de todos os imperativos e adjectivos dos ócios objectivos. Energia da matéria e da anti-matéria.

Deus é deus em si mesmo na carne (!?), no usufruto da sua criação, na ideologia da sua filosofia teomorfa (homem imagem de deus) e antropomorfa (deus imagem do homem).

Deus é deus na força, no poder, na guerra que anseia a derrota que esmaga o perdedor; no poder que ganha o vencedor que planta a dor no derrotado. Deus é deus nos discursos dos fortes, no cair de cócora dos ditos fracos, na

acção dos que desconhecem a lei da luta, que se alimentam da luta da lei.

Deus é deus no mundo dos homens, das energias terrenas e não nos céus dos imortais. Deus é deus onde Darwin e Osho se transfiguram em dinamis para aquilo que não tem raciocínio, como somos nós. Deus é deus no hábito, na raça e na cultura dos povos, sobretudo em toda a matéria do universo.

Ali, Deus é deus, por ser ele a substância do todo, mas não na vida da vida, aqui, onde deus tem, também, um Deus.

AS PREVIDÊNCIAS DOS CARNEIROS NA TERMODINÂMICA DA RAÇA

[ENQUANTO O LOBO É A OITAVA SOBRA]

...

É necessário que haja previsibilidades por parte dos carneiros. O carneiro é em si mesmo o protótipo gramatical de sua própria legislação interior, uma entidade sobrenatural por ser desmembrada do seu próprio seio, o barro onde se manifesta o materialismo ideológico e o idealismo materialista, um mundo de evidências, verdadeiro templo do tau, elo entre a representação simbólica e a tradução lógica da alma racional.

O carneiro é produto de uma inteligência simpátrica e alopátrica, verdadeiro deus de si mesmo aos olhos de sua própria criação. Um grito de mundos que toca longamente nos perpétuos cantos de seu próprio hibridismo. Um ente fértil no centro do seu próprio livro existencial e da evolu-

ção da sua própria essência atômica. A máscara de carne de si mesma, entre os rostos das suas próprias aparências e encubadas exibições.

Carneiro é uma esponja peluda, edifício de vários eus e eus de muitos epitáfios, ora lúcter, ora deus, ora anjo, ora demônio, ora luz, ora sombra, uma ave de fogo quando não quer ser mais carneiro.

E o que dizem os lobos quando os carneiros tentam murmurar para ruminar como um deus? Absolutamente tudo: marionetes de carne, cegas cegonhas dos nossos meridianos, onde germinam instintos primitivos. Carneiro é um lugar de disputas geométricas de identidades divergentes, para que, com o sangue derramado, os outros possam regar a fome aguda de várias mentes nesta existência (in) coletiva.

IMPERATIVOS DE UM CAMINHO IMACULADO: A MONTANHA DÁ VIDA À MONTANHA

[NA NONA SOBRA]

...

Não é salutar deparar-se com tal ideia neste ângulo da montanha, onde é sabido que, quando se está nu e de mãos absolutamente vazias, tudo te desdenha. Diz o ditado: a corda é medrosa no lado mais fraco. Aqui, o que importa não é o lado que dá potência à corda ou o lado que a fragiliza; o que importa, neste rolamento, são as forças que nela actuam, interagem antes de o resultado anular o trabalho de um dos lados.

O sistema político-teológico de governação de deus só pode ser o sistema imperialista. A religião é um mundo ainda por se **aquecer** e sentir nas suas chamas a palha da sua antiguidade, ferver como lava na roda da r/evolução racional, onde o homem pode ser humanamente desumano ou desumanamente humano, dependendo do que nos torna humanos, aí deus entra no dinheiro e faz-se deus da vida que neocoloniza o mundo, enquanto homem: carne e alma são vistas a vibrar na escala de Richter. O ponteiro vermelho, no sismógrafo da pobreza, indica cem por cento de sofrimento. Ditaduras produzem terremotos mortais. É doloroso construir vidas em terras onde actividades sísmicas são uma constante. Angola é um exemplo clássico de Pompeia. Os terremotos são racionais e deus está no volante da reacção, exactamente a praticar a terceira lei de Newton.

Não é por uma mera potência de energia, depois de ter sido publicada a bíblia do evolucionismo, em 1859, que as ideias, pelo mundo, foram proibidas, no sentido de não se ensinar teoria da evolução nas instituições públicas e escolas dominicais. Era muito perigoso invocar Darwin no mosaico fluido do saber só ciência.

Essas ideias proclamavam literalmente a morte de um deus, também anunciada pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, em «A Gaia Ciência». Entendemos que o termo criação “invoca” um deus como criador de tudo, independentemente dos sistemas políticos e dos tipos de éticas que / faziam/faz as várias ou a filosofia de vida de cada época pré-terita, ou a que existimos ou co-existimos (com os outros, com o mundo e com as outras coisas visíveis e não-visíveis.)

A Bíblia Sagrada dá-nos recursos sobre um criacionismo narrativo, teológico e científico sobre como Deus criou o

mundo e a vida. Os capítulos apresentados mostram o sentido narrativo sobre como, nos dizeres de DJ Lolo, o "pai grande" criou tudo. Génesis: 1-1 diz-nos que, no princípio, Deus criou os céus e a terra; em Gn.: 1-11, cubra-se a terra de vegetação: plantas que dêem sementes e árvores cujos frutos produzam sementes de acordo com suas espécies; Gn.: 1-20-21 relata: encham-se as águas de seres vivos e voem as aves sobre a terra, sobre o firmamento dos céus. Assim, Deus criou os grandes animais aquáticos e os demais seres vivos que povoam as águas, de acordo com as suas espécies; e, nos versículos 24 e 25, Deus fez a terra produzir seres vivos também de acordo com suas espécies, animais domésticos, selvagens e os demais seres vivos da terra; no versículo 26, ainda do capítulo 1, Deus cria o homem segundo sua imagem e semelhança e dá a ele o poder de dominar tudo o que vive sobre as águas, tudo o que voa sobre os céus, domínio sobre os grandes e pequenos animais que se movem neste vasto chão. E, por fim, Gn.: 2-1 «assim foram concluídos os céus e a terra, e tudo o que nelas há».

Mais para cá, ganhamos palavras, tais como democracia, livre-arbítrio, ou seja, liberdade de escolha entre o Divino e o divino. Este último é outra entidade moral opostamente à Deus. Darwin, Nietzsche e outros pioneiros da teologia da morte de deus – tais como: Osho, Freud e Marx – não são bem-vindos, na muralha das lutas religiosas, tal como Darwin não era bem visto nas pirâmides religiosas da época, na arena teológica, assim como Richards Dawkins, o autor das obras «Deus um delírio» e «Deus, porque quase com certeza Deus», já que a religião era tida e é tida até nos dias de hoje como o campo magnético de toda a sapiência humana, cujo patrono não cabe no princípio das imagens e

das semelhanças. Assim, contrapõe Marx que «A religião é o ópio do povo».

O que é estar morto? A ideia de morte é bastante ambígua. É algo que não se compreende – entendo que transcende o silêncio transformista da matéria falante, fisiológica e não só; não se descreve como a transição demográfica de uma espécie qualquer; essa força não é um processo em si só fisiológico da matéria, ou, em si mesma, o decolar da alma definitivamente das pistas da matéria; é uma entidade imortal, não vive enquanto dominância da vida, outra entidade imortal, não se vê em si mesma o mortal, enquanto mortal em dominância da morte, simplesmente se sente na potência e na cinética de sua própria substância, quando se está vivo diante das duas proposições teomorfas, que há algo a pastar e está em toda a parte da matéria.

Nos processos fisiológicos, nos mecanismos de sustentabilidades, na citologia da matéria viva, na eletrosfera do metabolismo celular, na alma da célula, na semântica da célula, em tudo isto em que tentamos explicar, porque precisamos de respostas, mas o sentir, o fôlego de si mesmo, enquanto matéria-prima de sua própria sustentabilidade, hábito e ambiente são, em si mesmo, vida, morte e Deus, vice-versa, no ciclo teo-antropológico da matéria-prima.

Como afirma Zé, se encontrares o buda, mata-o. Se encontrares o buda, não é o buda – é apenas sua imagem. Mata a imagem para estares livre, para o encontro com o verdadeiro Buda.

Leonardo Boff, na obra «experimental Deus», enfrenta a ideia de que no cristianismo, o pensamento dos grandes teólogos e mestres da espiritualidade tem sido antagónico,

se não mesmo hostil a questões relacionadas às visões e ao pensamento, abraça as ideias do budismo, formando um pensamento perpendicular e bidimensional. Defende-se que deus não é contradição entre e ao lado das coisas deste mundo. Se o encontramos aí, então, encontramos um ídolo e não o Deus vivo e verdadeiro que está sempre para além dos sentidos corporais e espirituais.

Eis a imanência do meu julgamento: a montanha dá vida à montanha.

**UMA ÁRVORE COM FOLHAS DE POESIA – A
MONTANHA É A VIDA DA MONTANHA
[NA DÉCIMA SOBRA]**

...

A rua possui uma forma própria de vida, é um verdadeiro álibi de batalhas visíveis e invisíveis, um livro por ser desfolhado em cada passo paralelo do ente no fogo da imaginação. Nesta apoteose do "outro", dizem os corvos dos que plumbificam o céu dos meus pesadelos que não podemos matar aquilo que não pode morrer, iguais às palavras que não apodrecem nunca, quando uma vez lhes demos vida e alma. Na rua, neste livro da vida, a imaginação é apenas uma parte do que acontece neste universo, quando é a noite que propõe no subconsciente o acontecimento das coisas. "Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens" (João 1: 3- 4).

A rua é uma árvore com folhas de interrogações, no cimo, onde os homens desovam existências, murmuram intelectos e saúdam constantemente o deus das questões da

força e as forças das questões de deus. Essas ruas são, também, sangrantes, mais sangrentas que os poemas de Pelágio, em murmúrios sangrentos. Como aqueles poemas em erros de deus, do poeta Fridolim Kamolakamwe, a voz do século que traz constantemente, nos sonhos dos mendigos, as óperas da vida e, nas óperas da vida, o sonho dos mendigos.

Nessas ruas, deparo-me sempre com as tábuas, onde Pablo Picasso pintara a báttega das homilias nos ermos dos ossos. Aí, poetas descem convergentes, como o velho Nietzsche fez descer da mente o velho da montanha, para erigir as cátedras da virtude. No cume, no verão, as folhas secas gravitam com o peso seco da experiência para sentir o calor da terra, enquanto se empresta aos pratos a saliva de um mundo incolor.

Nestas folhas, os homens são os troncos perfeitos do tempo, lá onde deus nega ser ele o juiz. As folhas murchas de sândalos, isentas de perfume, a pintarem o manto de uma nação sem pátria. Apenas um campo de passagem sem passageiros de mundos agrestes: almas impávidas tentam dar passos. O juiz apita e diz: passo. A bola é entregue ao oponente.

O que as águias têm a dizer sobre a rua? Nada, nada mesmo! Destas engrenagens, só sobraram os anjos que indicam, lá de cima da árvore geneológica do abandono, as igrejas perdidas, nos círculos das danças dos carniceiros. Uma multidão psicológica, a plateia, uma teia de direcções comportamentais, injurioso ao frenesim demoníaco. O nada, este silêncio de altares, esta progenitora de coisa alguma, fruto de todas as coisas, hóstia bestial de um solau que fagulha a indumentária cognitiva de um flagelo pensador.

HÓSTIAS DE JERIKÓ

O flagelo, um trampolim que empresta transformismos à ideia, no discurso de um urso para nutrir um verso sem remorso e desprovido de uma miragem monstruosa, onde a borboleta preta esbanja com a camuflagem o curioso, o todo-poderoso urso. Ali, no dente afiado da fera, qual abeto afiado com a lima da raiva que dor faz brotar da pele, onde se prende o dente afiado, percebemos que, quando o sol nasce, sopra bastante e a palha do chão das folhas secas caídas são indicadores da verdadeira velocidade e direcção com que sopra o vento, enquanto o sangue do sonho salpica no chão ferido há anos.

Diante do corpo inanimado, aprendemos a dar ouvido ao mundo, a ouvir as vozes inerentes dos autores das lágrimas do passado. Sem se importar com a empatia do erro. Abrimos os ouvidos para ouvir o som vindo de um sino dourado, com senos e co-senos, tangentes e raízes quadradas, a tocar de manhã mitos e uma voz vinda do lado de dentro dos dividendos e no momento da oblação dizendo: os cães não herdarão o reino dos céus.

Caros leitores, a ideia de cão, no revivalismo, convida a uma mente isolada de um discurso sem ismos, em que na sua sugestão cognitiva constitua uma arma de ataque sobre os baluartes do diabo. Também, com a mesma consciência, interpreta Rás Nguimba Ngola, em lá fora os cães, prostibulando e meretrizando, o sentido da vida.

O cão é uma metáfora antiga, quadrúpede e bípede ao mesmo tempo, como escreveu Nietzsche, no diálogo entre Zaratusstra e o cão de fogo: «saí da tua profundidade, cão de fogo, e confessa quão profunda é essa profundidade! Onde tiras o que vomitas? Bebes copiosamente do mar: é isso que revela o sal da tua facúndia. Verdadeiramente para um cão

das profundidades, tomas demasiado alimento da superfície».

É na rua onde os cães moram, como o diabo de fogo partilhando com outros cães a lixeira de Damásio, lá onde não há médicos nem medicamentos, o melhor lugar no mundo dos sem tectos, gentes sem almas e espíritos d'almas que conhecem melhor a qualidade dos motores, porque estes fazem músicas ruins nas noites negras debaixo das pontes.

Na rua, o céu vê-se melhor e sente-se o propósito dos grilos do campo que assobiam numa frequência impossível de se entender os acordes musicais dos anjos do outro lado.

Os cães, nas suas ceias, entendem tudo isso, menos a razão da sua existência, talvez não divina. Fazem melhor astronomia lá onde é mais fácil desarmar um gato do que uma ratoeira, quando os olhos ganham o azul dos céus nocturno. Conhecem melhor o ruído das estrelas e entendem que os buracos negros estão bem aqui no peito, nas crateras da alma e na medula dos ossos. Entre os dentes, a camada de ozono abre cada vez mais uma fenda, um abismo, no imprimir-se de um cigarro cubano com nicotina ao cubo do passado da história de Fidel e Guevara; os cães, sentados nos bancos, são guardas indeléveis da noite em busca de migalhas.

As ruas são as suas melhores cozinhas e os cães têm como refeitório essas ruas, onde tudo se transforma em raiva, enquanto sentem, pensam e agem isoladamente, em busca de um nascimento pela segunda vez.

Assim, entendemos logo no primeiro olhar, quando nos deparamos com uma placa dizendo: «cuidado com os cães». Pertencemos à nuvem negra desses cães estampados numa porta de metal.

HÓSTIAS DE JERIKÓ

O olhar triste desses cães, um propósito da vida, produto de vários insucessos e sucessos mal-construídos, são pedras não preciosas aos olhos de um poder comunista, para morder seus próprios sonhos moribundos e, com estes lá fora, olhar o mundo uniformemente variado sem escala e molhar-se no chulé da bota, para elevar sobre a boca um cigarro republicano com um cano apontado na cabeça. Cães despejam na sua própria lâ o gás butano do insucesso. Cães, atrás de um heroísmo que se reveste com a humanidade dos orfanatos e o luto de um colectivo de viúvas. Meu comboio fala palavrões, excelências, nesta estrada férrea, e é desumana a existência que nos convida, enquanto a pátria estiver com vida na esteira das tuas gorduras. Nosso povo é uma metáfora.

TERCEIRO BANQUETE

[SANGUE DE CRISTO]
NO CÁLICE DAS TRÊS DA MANHÃ

...

Diante do cálice das três da manhã, percebi o quanto dói perder uma gota de vinho tinto, uma lágrima, uma pátria e um pedaço de pão.

Já ébrio, senti-me a pisar no limbo dos deuses, para lá do Olimpo talvez. Tirei dos pés d'Áfrika as sandálias de todos os meus vocábulos, segui-me só, com uma sarça de caporrotto ardendo adentro do sangue, como Moisés o fez no monte horebe; despi-me de toda a eternidade dos ócios, como Noé no novo tapete do intróito da vida o fez, embriagado através do vinho da sua própria vinha; subi na árvore dos livros apócrifos para entender a isocrenia de Buda, como Zaqueu subiu com os bolsos repletos de moedas de prata para ver Jesus Cristo entre os impostos que regavam os abetos de César; rezei terço no monte das oliveiras, peregrinei nas promessas entoando ladainha, enquanto o silêncio descia sobre as nuvens plúmbicas dos mitos tenebrosos, seguindo a luz de um cálice de areia, para me benzer os sovacos com o leite dos cactos, onde hibernava a metáfora dos quatro rios do Éden.

Estive aprisionado na cova dos leões, embrulhado na saliva espiritual de Daniel perscrutei a ópera dos mendigos na garganta das feras, frutos dos mendigos das óperas. Neguei

Deus em viva-voz e estive também no estômago da baleia, como Jonas por três dias, a caminho de um Nínive africano, aqui mesmo bem perto do túmulo de António Jacinto, onde ouvi na voz de Nito Alves os erros de deus.

Passei sete anos, dias e noites nas ruínas de Cabul, onde também dialoguei oportunamente com a *estupidez da pedra*, enquanto dava por empréstimo ao diabo os escândalos da vala de Babi Yar. Vi-me em Pátmos, dentro das minhas revelações horacianas. Vi Aristóteles a depenar uma alma irracional – o homem de Platão, eu vi com todos os substantivos a milagrosa alegoria da caverna, tudo quanto toquei a pele do sapo azul da vida que abriu a porta algures dos escarros deixados pelo 25 de Abril, enquanto descia, em toda a modernidade, um grito que veio do pico afiado do sumi.

Viver em recíproco, no terreno baldio da força, e olhar espalhafatoso a nudez do mundo, não é coisa de dar costas e negar o cavalo da fome, galopar entre as unhas de mil bocas de lata, nos chifres de sonhos molhados que indicam os olhos famintos, cujas lágrimas se alfinetam no cajado de Moisés, para abrir um mar seco nas obras de Jean Jacques Rousseau, enquanto se olha impávido no retrovisor da morte, para achar uma saída nas feridas de Jó e levar consigo um pedaço de lâ celestial que fazem entrelinhas engomadas as vestes de Deus.

Já com a alma rota, dou meus dedos vazios ao teclado da ausência, para que, com um só grito de dor, possa interpretar as partituras de Beethoven e Mozart, enquanto aprendo na laje da sarjeta a farejar o perfume putrefacto de Lúcifer, nas pegadas melancólicas de Caim.

HÓSTIAS DE JERIKÓ

Sei, através da álgebra da vida, que as pálpebras das virgens escondem câtedras e noites de loucuras, lá onde renascem capelas novas, enquanto os eunucos da meia-noite urinam enxofre sobre as telas férteis dos caminhos que os esperam entre fendas abertas e valas de pinturas colectivas.

Dou mais um gole, desço mais um pouco ao leito das perguntas e aí oiço o recitar migratório dos ossos sobre os artigos de jornais: não há mundo que dure para sempre e não há passos que não desafiam seus contrapassos, onde não há por que se preocupar com os filósofos, porque estes já se encontram em outros mundos.

Ouvistes o que disseram: "O homem é a medida de todas as coisas, daquelas coisas que são enquanto são e daquelas que não são enquanto não são". O sofismo não é filosofia, é a alma capitalista da teosofia. Então, sobre os pratos vazios do antro perguntem aos bêbados da cidade se é possível encontrar Zeus e Brama num só cálice de vinho tinto, às três horas da manhã.

Fiz-me nervura das folhas secas caídas, pertenço aos corpos velhos carcomidos; há todo o arsenal aglutinado nas orlas da lágrima que inunda a esperança de uma alma que não presta condolência às balas. Somos todos filhos desta alma. Tornamo-nos húmus dos campos agrícolas e fumo que só se lembra no cigarro da ilusão. Hoje, celebram os pássaros e levam com os olhos a pele e a palavra no cálice das três da manhã. Somos nós os vossos bêbados, Beto (Acordamos de manhã e estamos a beber. Não lavamos a cara, nem calçamos os sapatos, mas estamos a beber). Tudo por Angola. Ponto de exclamação!

CIPRIANO CHIMBALADONGO

[E SOMOS TODOS]

MUSSEQUES

...

Desço a cidade dos torpedos, galgo na alfombra da sombra do mundo, onde um deus erótico nada tem a ver com Deus. Quando os fungos da morte germinarem nas mangas de um dia incolor, nenhuma geração de células troncos aceitará à luz de um barro sem aura. O que não se sente, brota sem sensações oníricas em direcção aos cães raivosos que depositaram saliva nas margens da existência de Pavlov.

Um supercontinente ainda brilha nos flagelos de um deus procariota. Deixe tocar-te só mais uma vez, prometo nada dizer a Pasteur, nada sobre o que penso quanto à questão da origem da vida da pedra e da pedra da origem da vida.

Num poeta bantu brilha o exponencial do verbo e, sobre qualquer montanha de orças imaginárias, tudo se torna iso, onde vemos saírem, dos tambores do bairro, soldados de terras alheias, em busca de sorte na palha de suas próprias tábuas com o cheiro que os persegue. É na poeira da dor onde acampa o mar desses musseques de carne; aos olhos das centralidades verter, os versos de sangue na ponta das calemas de tristes marés, a trazer para a beira as nossas fontes históricas, para fazer num bairro de chapas uma estória com um batuque que faz gritar.

O mar é essa barriga gigante de forças, a fogueira de êxodos de códigos, o preâmbulo de todas as noites lisas, o batuque sumário nas mãos de quem tinha melhor a arte de usar as mãos, o luar que empresta nudez de prata aos pensadores; o musseque, os tambores falantes que faziam o ritmo da noite preta, o edifício dos cães à volta da revolta dos ossos

HÓSTIAS DE JERIKÓ

sem almas, a prancha dialéctica da foz, duna de cinzas pendente na escrita de um pretérito qualquer, o plano metafísico do barro entre a manhã da noite e a noite das manhãs, já pedaços da verdadeira força poética que cobre a abóboda de um conjunto vazio de membranas ocas.

Os musseques são lugares do âmago e do doce, património universal da inteligência proletária e da loucura sem área por cobrir no evangelho de João, os lobos de opulências negras; como é óbvio, para se pintar um quadro e ver nele um matagal de loucuras vestidas de areias desérticas, um lugar sem registos, sem tempos gramaticais, sem enredos, sem alfa e sem ómega que nos fazem descer sem língua de fogo na fogueira dos sacrifícios da vida.

O musseque, de onde se vê o mundo pela ponta, é o limbo de esperança que aponta como uma lágrima filia a rede vazia de quem nada conseguiu, na pressa de um crocodilo, em detrimento dos alicates do dia.

Somos as linhas da manta tutelar que reveste os musseques e a ponte que leva a esteira da tradição dos séculos roubados.

[OUÇAM ESTES] ECOS DAS SEPULTURAS

...

Entre as masmorras lóbregas de um berço, o búfalo é símbolo de virtude e de códigos de sangue. O búfalo é casca de um destino perigoso, pastado entre a coroa dentária de um leão vegetariano que renunciou nutrir-se de carne na

fauna desértica de uma ética fagocítica, que escondeu túmulos no trilho das bocas das botas dos nossos ídolos, é dopel, com letras maiúsculas pintadas na tábuá que se fez cruz. Nesta tradição, também São Paulo fala: *Littera enim occidit, spiritus autem vivificat* (A letra mata; o espírito vivifica.) – põe o piso aqui, cota, vamos tirar a poeira do bairro e dar um brilho com búfalo no mambu. Assim fazem a vida os putos da minha banda.

Paulo é amigo dum coitado qualquer que, por coincidência, é a vítima de um nada incandescente, póloco e desertor do tempo, nódoa profética na dor impávida de um credo ortodoxo, onde acamam as pulgas de toda a solidão ávida, no desgosto de uma poeira de arrotos vinda dos proventriculos da alma.

Ganho o direito a uma lua menstruada e, com ela, busco ecos num assobio de ferros velhos, para o destranco das janelas do subconsciente; sou parte de um plano maior; cho-co com a inércia da fome e bato no espelho dos meus *eus*. Já translúcidos, percebo melhor a fragilidade da vida. Nas varizes desta ânsia, tento voltar às águas termais da nossa verdadeira cápsula; o cartucho de toda a identidade primitiva que sugeriu uma transição de frágua, com a morfina dos mantras nos degraus mais baixos dos franciscanos, onde aprendemos a colonizar os peixes da espécie das piranhas.

Quando se é peixe, é fácil entender os buracos negros dos dentes, quando o medo, o beirante de fantasma, ripostar onde a sombra senil e insaciável se recusa comungar um raio qualquer de calor, com a carne entupida de remorsos entre as fotalgias da angústia e os desprezos de uma rua melindrada por prazos, onde nem a banha dos intróitos das metáforas aplaudem a retirada de um mestre em translação

HÓSTIAS DE JERIKÓ

de toda a sua dúvida, nas órbitas imaginárias das interrogações.

Sobre o amor, talvez saibam melhor os poetas e os filósofos. Nós aprendemos apenas a ser o veneno do fel que a lampreia nega sugar nesta procissão de sonhos fixos, onde a nostalgia não apaga nunca, na língua e na linguagem de um abraço absoluto, um funeral de códigos e de dúvidas insalubres.

O que os cinco sentidos não divulgaram, não será, nem na loucura, nem aos olhos de todas as coisas, brotar; o silêncio é apenas um estigma na fogueira do consciente.

É possível numa gota de sangue se ver monstros e num álbum de imagens se ver mortos do mundo a cantar óperas de todos os massacres que a ilusão vedou de esperanças sagradas nos arsenais utópicos de uma nação cogitada por aves agrestes, que sacodem lágrimas, para darem voz ao passado de um povo.

Aqui, é fácil acalentar uma desculpa, a partir de um beijo dado na escuridão, conhecer a solidão dos erros e, nos mamilos de cada seio, encontrar a ponte mais recente da raiva, onde circula o comboio que nos leva para um todo desconhecido. Quão dócil és tu sepulcro, amo-te como o morder de uma miséria que reveste os nossos imperativos de culpas, enquanto o vento negro sobe as mãos limpas de pilatos com os ossos de um antilope vestido à base de Cabul, à terra prometida, aos olhos amargos dos cananeus.

Descer à colina das crónicas, despir uma prosa com leveza e esforçar um ditongo azedo é varrer furúnculos de astúcias jamais cuspidas nos pesadelos de qualquer juiz.

Não me detenho por nada, nem mesmo que a razão decidisse morar entre as pedras dos rins e os olhos sentissem mágoas em hospitalidades de uma retina imunda, pois é no pano preto da cidadania onde encontro o cardápio mais nobre da nossa essência.

Em São Nicolau das minhas personalidades, o que mais gosto de fazer é conversar com a estupidez, pois é neste laboratório de forças onde mora a melodia mais erudita de cumprimentar melhor os versos. Ver-me no espelho é mesma coisa que me olhar no país do teu rosto, já que sei que é possível conhecer o mundo num balaio de relíquias negras.

Amei demais a pátria, até que um dia a resposta decidiu morar adjacente ao meu pano de bolso. Sempre que elevava o braço ao semblante para soar, fervilhavam-me sílicas de palavras, com uma direcção íngreme à obesidade obsoleta de um relevo, jamais tocado pelo circuito afiado dos dedos.

Ainda tenho a lágrima; talvez eu não me importe com a ira que traz sob o umbigo da pá um coveiro, nem o dom de querer prever o que tem por debaixo das saias da pátria, se já é sabido pelos ventos dos quatro lados da fome, quando sobem aos cânones de toda a mocidade, onde, mesmo sem se apoiar ao morro do moco, consegue ver-se os pontos cardeais de quem é cosmopolita de ócios-megalomaniacos da alma.

Sobre as unhas castanhas onde colide a palavra, já é possível montar um cemitério, sobre o fumo de cannabis, falar com o diabo e, através de uma artéria carótida, dizer às vespas que estamos sempre a subir, porque os ricos daqui se comportam bem, apenas os pobres negam dar de comer aos

miseráveis no quarto dos segredos, onde despimos sempre uma metáfora com a entropia dum intróito exacerbado.

Como dizem os latinos, *"Ibis sum ubi cogitatio mea est"* (ali estou onde estiver o meu pensamento). Os mendigos devem morrer, pois se encontram mortos, na rua e no fundo das pontes, os lugares onde a morte se aloja e fica sem pressa a chegar. Por isso, procuro um lugar qualquer, onde talvez eu possa descer dos elevadores de um relógio de parede e encontrar-me a sós com o passado, no hybris da fome que extinguiu exórdios da vida e, depois, no fumo do cansaço, deparar-me com a minha penumbra a pastar errâncias tão-sórdidas na pranche das profecias, onde o céu sujo de cadáveres traz a pólvora cheia de botas de um tempo manco entre as bocas dos ermos da sorte, para plantar, no trapézio das cinzas, o sangue dos caminhos premeditados nos pretextos da luta.

Vivo no calor queimante da carne, rastejo-me no hábito de estar só de cócoras, lá onde caíram as trinta moedas de prata. Sinto a poesia do músculo, músculo orbital que excita uma lágrima salgada, onde apenas Teta Landu e Kizua Gourgel têm estado próximos, com ensaios sobre a idade enquanto se tem vida. Estou contigo, Nagrelha, o estado-maior do fogo dará sempre sol à existência do bairro.

Na tinta destes espelhos, apetece-me estar de piquete, como os tambores indelévels nas alamedas da injustiça e sonegar sem obra num corpo que nada tem de sobra, nem poesia pelo menos, para untar as horas com o roncar de uma espingarda, nem mesmo osso, para sentar sobre a febre das enzimas revolucionárias, nem mesmo pensamento, para invadir um supermercado de histórias vazias algures das heresias dos sorrisos. Carbono! Saíste da prisão com

vida e de uma clínica cadavérica gira sol de tristeza no tronco do teu fim.

Já conhecemos melhor Mandume, um símbolo de poder apenas entre a equidistância, para dar azo a uma angústia com prioridade da espada de uma idade interrompida; enquanto pisoteamos sobre as fezes dos nossos próprios porcos ícaros, onde o sensismo se familiariza com o peronismo sempre que se decide caminhar sobre as paredes de um bordel de ensaios sangrentos. A bala, inocente, **desprende-se** da cápsula, deixa a pólvora arder na mão, em nome do dedo que apertou o gatilho, saiu, atravessou a rua, a multidão e atingiu a cabeça de Inocência, pelo que o sangue se fez diferença, onde o perigo mandou lembranças. Cantigas da minha terra!

[IMAGINEM] AÍ

...

1

Aí, as ideias são meretrizes e a razão é polígama, sempre que o mesmo pénis incha sob as vaginas de cada revelação. Não há sugestões no parlamento do *eu*, nem papéis para limpar resíduos de fezes nos esfíncteres de cada palavra.

2

Aí, no sepulcro da tal restinga, a bília do abecedário ainda mistura as letras e as hormonas das letras confundem os verbos com o fogo de uma espingarda entumecida no olhar

HÓSTIAS DE JERIKÓ

sereno dos dragões, enquanto no intestino de absorver porquês nasce uma nova fábrica de empossar cadáveres.

3

Aí, às vezes, vejo Confúcio sentado nas minhas férias interiores, a pôr tabaco fresco no cachimbo da paz e a filosofia falar com a teologia da dor, enquanto os bêbados aproveitam um pouco mais para repor a energia em nome de São João, o último pistoleiro de Deus.

4

Aí, as tumbas me procuram em nome das casas mortuárias e das agências fúnebres. Nestes bairros, é impossível evitar súplicas quando uma manifestação é filosófica, ainda que as leis da física fiquem tesas para estuprar as cordas vocais de qualquer liberdade e salgar com o pó a clamação da aurora.

5

Aí, no barro feito carne, sabemos que todos somos iguais por dentro, basta olhar para os ossos.

6

Aí, entre as coisas preciosas que circundam o vácuo, a que mais brilha é a pobreza, sempre que um percebejo vem à rua, com litros de sangue venoso nas cavidades a dizer em voz alta: cães, salvem suas próprias vidas!

7

Aí, acredito que um espírito imundo não tem enzimas intestinais e a hóstia de jerikó vai direito ao estômago do si-

lêncio e sai pelo ânus do medo, que exibimos nas marginais aos olhos dos desprezos dos nossos deuses.

8

Aí, sobre as águas dos meus hábitos, afirmo: quando um único fêmur se instala nas orlas dos vômitos, o tempo vem descalço com uma banheira de promessas na cabeça, já que é mais sagrada a água benta do que o rio Jordão.

9

Aí, João não teve culpas por ter batizado com água; aqui, o sonho é um grande país, não há incômodo, onde o sol cruza os braços e os animais têm o direito de ir à missa, sempre que chega a vez, e fazer uma leitura evangélica segundo a luz de cada um.

10

Aí, uma folha solta pode pousar em qualquer lugar. Tenho sempre uma vergonha marxista, atingi orgasmos vários, enquanto ensaiava o *eu* sentado e botado à insignificância que padeço, enquanto me vejo num palco feito de escombros onde tudo enlouquece.

11

Aí, olho no cacto maduro de todo este descabro, aprendo através da ponta aguçada de cada espinho da mortalidade que há uma árvore de pedras algures dos escrotos das áfricas.

Aí, nada me lembra república, a não ser o fumo dos candelabros que esgrimam os céus nas ruas boémias de delírios espirituais. Uma noite de lua grelhada fede e sobre os olhos afiados dos homens me reivento, como escreveu Hill «homens do passado – cujos nomes viveram depois da sepultura». Enterrem-se as metáforas, já!

[AQUI, ONDE]

DORMIMOS DEMAIS POR ANGOLA

...

Nesta ecologia, aprendemos com livros e pessoas. Aprendemos com as nossas lições de vida e com as lições das vidas dos outros. Aprendemos com os que vivem e com os que partem para lá do além. Aprendemos com o mundo, no mundo e para o mundo. Aprendemos a lutar desde que a luta nos mostrou que fazemos parte desta cadeia alimentar.

No tal mundo, energia que flutua entre as coisas e as descoisas, a pedra já ostentava a terceira maior força económica da África subsariana, depois da Nigéria e da África do Sul, esta pedra cuja capital se chama Lu-anda se encontrava no topo das cidades mais caras do mundo (ou ainda o é) para estrangeiros e autóctones, seguida por Singapura, Tóquio e Zurique. Foi isso o que aprendemos. Como disse o outro, “o homem aprende do berço e mesmo assim morre ignorante”.

Por que tanta riqueza numa terra onde há milhões de pobres que brilham como estrelas na espiral desta nanogaláxia que se chama pedra? O que adianta ter tudo isto, onde apenas alguns se servem dos recursos do país e levam tal riqueza

za para terras do primeiro mundo, enquanto os outros nem migalhas gordurosas pegam para untar o rosto que reflecte dia e noite: santana, camama, mitcha e cemitério do mutundo, etc.? O que adianta um governante ostentar tanta riqueza diante de um povo mísero, obeso de sonhos e esperança, um povo hidratado com discursos fúnebres, um povo de história martirizada pelo comunismo, um povo sem êxodos no vento da r/evolução, um povo sem legado, negado nas contracções do útero desde tenra idade, idade da pedra que vomitou tantos anos de governação e de wazebele, como se diz por aí? O que adianta deus omnipresente partidarizado num partidarismo de um deus insano? Será este o povo que se perde por falta de conhecimento? Seremos nós, Nzambi yetu?

O que adianta tudo isto, se ainda há existências apagando-se nesta fauna de barro prenhe de desumanidade, morrendo de fome e sede, de malária e tensão arterial, morrendo de cansaço existencial, nesta forma de extinguir a vida, tacando fogo no feno das realizações da pessoa humana local?

Dormimos demais por Angola, quando já não é possível respirar ar puro, esse ar que também, segundo os outros, é fruto residual de uma fotossíntese política partidária, realizada pelas árvores doces de agricultores que dizem terem arquitetado a paz, no dia em que o espírito santo voou, em forma de pomba branca, o céu azul de Abril.

Não é nesta pedra onde gostaríamos de ter nascido e ver nascido os nossos filhos, esta pedra de ninguém que é, como chamou Fridolim, "a selva de betão", onde, como diz Ondjaki, *os Transparentes*, "... Estão a mandar mais que deus".

Dormimos demais por Angola, ao ponto de deixar este país nas mãos de pessoas erradas, que fazem crescer o número de pessoas apologistas de ideologias errôneas, como bactérias que se multiplicam numa proveta de dominação.

Aqui, a bola de trapo, que tanto magnésio deu aos ossos da nossa infância e juventude, fez-se o zero do nosso agora. O número zero é ponto de equilíbrio, o elemento neutro entre o ácido e a base, ponto de partida entre sete vacas gordas e magras. É o braço da balança. O marco imaginário entre a vida e a morte. Faz-me crer que é o número que reiniciou o mundo, promovendo enes extinções das primeiras formas de vida na terra, na terra que deu paredes aos nossos bairros. O mesmo número na teologia dos debates, promovendo a expulsão das diferenças, onde a vida pede debates públicos num céu que é apenas visto de dentro de uma panela vazia, sobre a dita eterna governação de "deus", o mesmo número que odeiou e adiou o futuro de Angola e dos angolanos. Não existe debate nem pensar país, onde a ditadura cresce como jóio.

Se tivesse que escolher Angola no nascimento de uma pátria, eu escolheria a pátria que dá nascimento a uma nova Angola (A pátria de Savimbi, de Nito Alves, de Mário Zezanno, de Velasco, de Fridolim, de Domingos da Cruz, de Luaty Beirão, de Carbone, de MCK, de Mensageiro Andrade...), a pátria dos que viveram e morreram por Angola e a pátria dos que vivem morrendo por Angola. É esta a pátria que eu escolheria.

A terra que me viu nascer foi baptizada com o nome de Angola, um país onde o futuro já traz furos profundos, crateras nas nossas almas. Esta terra se transformou numa peneira gigante de classes, onde apenas os mais finos con-

seguem atravessar a rede e se realizam num país lindo que só existe dentro da constituição, enquanto os plebeus são retirados da peneira, como farelo metafórico da má-distribuição da res pública. Uns comem o ouro e nós comemos a ganga. Outros bebem petróleo e nós bebemos a urina dos que bebem petróleo.

(In) feliz (mente), nascemos aqui, para ser e fazer parte desta marcha em busca de uma vida melhor. Somos quaisquer coisa de milhões de carneiros distribuídos em todo o território nacional. Como nos diria Ondjaki, "nós somos a continuidade do que nos cabe ser. A espécie avança, mata, progride, desencanta, permanece. A humanidade está feia de aspecto sofrido e cheiro fétido, mas permanece porque tem bom fundo."

Agora, vê o que estas décadas de paz nos oferecem, uma forma de vida caseira, almas terraplanadas, sonhos depenados, sorrisos sem escamas, desertos longínquos de angústias, onde a poeira vermelha de tal paz "nos fode" os pulmões, enquanto o pombo de Abril desfila tesamente no telhado das casas de luxo das pessoas que nos governam, enquanto seca a nossa alma e secam os nossos olhos, como sapos que procuram lagos de saliva no deserto das culpas.

Dormimos demais por Angola, desde o dia em que deus descansou. O fenómeno de pedronização, aqui, já é uma arma de destruição em massa, uma bomba mortífera que nos afoga na saliva desses bichos, cujas lágrimas não emitem vogais de misericórdia. Isto não é filosofia de vida, é um templo mongeficado de uma vida inacabada, enquanto o povo ainda se torna um canteiro de obras, um povo que aguarda, já descrépito, a lição cem da velhice.

HÓSTIAS DE JERIKÓ

[DOUTORES EM] ISOTOPIA DO MEDO

...

Um homem passeia pelo campo, sai do campo e caminha devagarinho longamente o caminho, depara-se com uma toca antiga que lhe parece abandonada, aí espreita nela e percebe que há um coelho da nova escola, em repouso dentro daquela sombra antiga.

Parte para a aldeia em busca de ferramentas (armas e cães). O coelho, desperto do seu solene sono, detecta cheiros estranhos na direcção do vento e ao redor da boca da toca; o vento impõe sobre o sentido olfativo do coelho rapidez na tomada de decisão; percebe diabolicamente o perigo que corre e decide, então, abandonar o santuário que o hospitalizou e sai disparado feito flecha, em busca de lugares seguros.

Este homem guiado pela fome regressa à sagrada cátedra da presa. Já com os cães bem alimentados e as armas carregadas. Agora, é vez de os cães mostrarem seus talentos, suas capacidades ou seus poderes olfativos, característica nata de suas inteligências, farejar.

Farejam a toca e tiram dela princípios morais forjadas dentro da gamela de uma ética consequencialista. Os animais, já animados pelos resultados da perícia, personalizam a genética do perfume natural do fugitivo, enquanto o homem espera armado ao lado de um muro de térmitas, caso os cães falhem o ataque programado. Num outro instante ouve-se o latir dos cães, dirigindo-se ao homem já portador de informações. Num agudo tom e no içar da língua, no respingar da saliva, os bichos revelam ausência de uma

entidade física, na linguagem canina e num agitar triste de cauda que mostrava ao amo que a toca estava vazia.

Aí, nasce um ar de repúdio, o homem pega num bastão e açoita os cães como sinal de desobediência e incompetência. Exonera alguns e os manda para casa. É próprio de ditadores. Enquanto um sipaio seu permanece na zona de caça junto com outros cães, ele também regressa para a aldeia em busca de uma catana, aquela que iça na bandeira nacional.

Volta à zona de caça. Desconfiado do trabalho feito pelos cães, cava faminto a toca. Com a catana afiada da mesma bandeira presa na cintura pélvica, esburaca o sacrário da presa e o destapa dos ramos e das raízes que o sustentam e, quando mais fundo chegava, a luz libertava-se do luto, igual ao escuro da bandeira da república da pedra. Apenas um vazio, teias de aranhas e pelugem nas paredes fazem o dentro da toca. O comedor de coelhos enche-se de angústia até ao limbo de sua profundidade, rompendo a coroa dentária da gula que fez cair uma lágrima, enquanto o sol sorria da estupidez da pedra.

Olha para o sol que se despede na montanha. Transpira de raiva, ensaliva e morde o lábio e, junto com os cães, olham para o alto das árvores, onde uma águia de rapina transladava, com suas garras sujas, um cadáver, enquanto voava a emitir fagulhas de DISA, MOSSAD, CIA e forças da OTAN, para o mais alto pico do monte sumi, o corpo inanimado de um coelho que havia deixado a toca, enquanto buscava liberdades na floresta negra de sombras desconhecidas, onde seu próprio destino o entregou ao ciclo mais trófico e ecológico da vida.

HÓSTIAS DE JERIKÓ

Os cães, estes videntes por natureza, não ladraram mais, apenas assobiavam, cheirando-se no cu, urinando e marcando caminhos, uns a metros de distância de seu dono, já vestido de bruma no banho sanguíneo desta isotopia.

Na mão esquerda do homem, o braço teomorfo de deus, ainda acariciando o bastão, apenas fixa o meio, com olhos tesos e depressivos, dirige-se aos arbustos com botas de ferro, como se essas também fossem cúmplices e culpadas ao fazerem escapar, do fogo do cigarro de um bêbado guarda-florestal, um país virgem que tornou a floresta ainda mais densa, depois da queimada, onde tudo foge e esconde-se com facilidade, em nome da ética de uma democracia que negou os sorrisos de Nito Alves no altar da diferença.

Os cães também respondem do outro lado, onde o agitar da cauda peluda combina bem com um amor de cães, quando a renúncia impossível vem da saliva de um lêmure que antevê o futuro com a boca aberta, entre os ossos dos santos, os santos da nossa pátria, já sem dos Santos e Neto. ESTAMOS FODIDOS, NAS MÃOS DO GENERAL!

[ENFIM, SOMOS] HÓSTIAS DE JERIKÓ

...

Sou um povo soberano. Um deus na maioria. Oiça a minha voz, ó pátria dos meus ancestrais, apenas a ti o vento do meu estômago se materializa! Quando deus desafia o vômito, nega ter dormido com as verborréias de deus na luta da materialização das promessas eleitorais e fala línguas poderosas para suas pobres criaturas.

Neste mundo, é imperativo o barro cair de cócora e calar-se. Sei-te pelas estradas de babilónia, onde prendeste nas folhas castanhas da farsa a gula da tua ilusão. Há em ti um diabo de deus que incentiva a loucura e um deus de diabo que ama a palha ardente da tua fúria. Minhas meretrizes despem na matriz da minha consciência. Apenas elas que agitam o clitoris obeso da democracia, falam com olhares atípicos, foram elas que deram caspas à cidade alta e longas filas de prostitutas políticos que fizeram do país uma ilha de prazeres amargos, regida por um deus infalível nas suas decisões, ainda que o primeiro pense ao contrário.

De que são feito os homens, afinal? Barro este, onde o diabo de deus planta a sua loucura, no intuito de ver o mundo como a medida de todas as coisas, criado por um deus, esquecido entre o diabo de deus e um deus do diabo?

O deus do diabo é um grande legislador de farsas, constrói dogmas e orienta massacres para aqueles que foram criados com alma de perfeição desconhecida. Um deus erróneo, quando o barro propõe oportunidades, sengundo a luz do limbo das substâncias anónimas.

Aí, deus desce do trono, do tronco, do ronco do pombo com a UGP celestial para banir todos aqueles que nasceram do útero das normas irrefutáveis, criadas à luz de uma santidade insana. Alí, o diabo de deus sorri, pula de dente a dente e coloca-se entre as caravanas da desobediência, para alertar ao barro que não é possível buscar, onde tudo se obedece. Só se consegue buscar a melhor matriz de pátria onde tudo desobedece.

Aí, o barro cria desejos, toma fundo a água do desprezo, despreza a sua essência e não se acostuma com a ideia de

que há um deus que existe na cidade alta, diferentemente do diabo de deus e do deus do diabo.

Um deus que se irrita pelos ruídos do mundo, o criador do barro e o criador do diabo de deus e do deus do diabo. Dorme profundo algures desse universo, distante de um céu que já não vai desde o momento da sua criação.

Então, dorme eternamente, como o barro nos túmulos desprezado pelo deus do diabo e pelo diabo do deus, duas criaturas oriundas do sono profundo do criador. O barro diz que entende por que, desde a sua criação, dorme profundamente o narrador no museu dos finados.

Não se importa com o barro, com o diabo de deus, tudo menos com o deus do diabo. Dorme na lama, onde não se coçam os porcos, os javalis que negaram deus com olhos de toupeira. Dorme nas sementes da vida, onde não se cansam as galinhas em procurar pistas sobre a sua presença. Dorme no álcool, não se cansam os bêbados em buscá-lo nas bebidas tradicionais, quando também derramados no tumulto dos que partiram.

Dorme no sexo, não se cansam os homens e as mulheres a povoarem os bordéis. Dorme nas guerras, não se cansam os homens a lutarem. Apenas dorme algures nas práticas do barro, enquanto engordam o diabo de deus e o deus do diabo com toda essa capacidade de busca de um barro que, tão cedo, vira estrume de um mundo que ele mesmo deixa de conhecer.

No cântaro da estupidez, uma lágrima engorda, com o murmúrio dos escárnios, à mercê da contracção dos músculos, das fenas de qualquer palavra desconhecida, no dicionário e na gramática de um deus que repousa nos limitrofes

CIPRIANO CHIMBALADONGO

de um dia desconhecido pelos homens. Caíram os muros da
nossa pequenez, onde não conseguimos tomar com punhos
de ferro, enquanto cães abandonados, as Hóstias de Jerikó.

POSFÁCIO

Esta memória tem múltiplos atrativos, múltipla importância no sector social, político e pedagógico, pelo que não foi por mera casualidade que o autor da obra decidiu baptizá-la com este título.

O clamor de um povo oprimido e a força de um Estado Auto-crático corrompem e interrompem o futuro de um povo esfarrapado. O homem do obscuro veio e de lá regressa, é inutilidade de concorrer com o tempo, pois nele se cansa e perde-se. Deixem-nos entoar a nossa liberdade que de graça o Supremo no-la deu.

O autor esmieuça sobre a nossa história eclipsada, como a fogueira do dia que se compara à luz solar. Os homens perderam medo de seu criador, arregaçam as mangas para combatê-lo. O Estado morre, também, onde morre o estado do Estado. O deus criado, nascido, preparado e enfurecido para se vingar dos inofensivos e exumados vivos. Graças que onde o inegalável Deus fala, ninguém mete a sua fala.

O autor separa as aporias de "o melhor governo é aquele que menos governa" ou "o melhor governo é o que absolutamente não governa", num momento em que o povo está preparado para o sucesso, o mundo sente a desgraça de um povo enforcado, onde "nenhum tambor se ouviu, nem nota fúnebre", nenhum soldado desfechou seu último tiro de um adeus sobre tumbas onde nossos heróis foram soterrados. Homens servem ao Estado e todos homens reconhecem o direito à revolução; isto é, o direito de recusar obediência

ao governo e de resistir a ele, quando a sua tirania e a sua ineficiência são magnas e intoleráveis.

O autor chama atenção ao caro leitor de que não é obrigação de um homem se dedicar à erradicação de um mal qualquer, porém é seu dever, pelo menos, manter as mãos limpas e, mesmo sem pensar no assunto, recusar o apoio prático ao que é errado. O soldado que refuta lutar numa guerra injusta é enaltecido. O erro mais super e frequente requer a virtude mais desinteressada para o sustentar. Se a injustiça faz parte da necessária fricção da estratégia do governo, deixe estar, talvez ela acabe por se declinar, já que, certamente, se desgastará. O Estado propicia métodos para remediar o mal. Aborda-se a cultura de fornecer e receber *feedback* resumido ao saber ouvir, para fortalecer o desempenho e promover a confiança.

Um homem não tem obrigação de ser onipotente, mas de fazer alguma coisa, obriga enxergar a Pátria à luz da idade média. Faz imaginar de que a única casa de que fui proprietário, antes, é o ventre de minha mãe. Mesmo com a inocência da mãe natureza e os catucões de um Estado perdido, a cada manhã se acorda com um sorriso enrugado no rosto na esperança de uma revolução melhor, este é o grande exercício religioso. Faz viver com tanta pressa e desperdício da vida, aparentamos decididos a morrer de fome antes do apetite.

A Democracia é uma das conquistas mais fortes da humanidade. Barack Obama, em 2009, pautou o seu lema em "Mudar é Preciso". Os líderes não gostaram, mas a melhor forma de mudar é deixar seus cargos, esta é a grande vantagem da democracia. Ao contrário de quem procura agulha num palheiro. A melhor maneira de pensar sobre a demo-

cracia, sendo assim, é a mudança, que é um bem ponto de partida.

Não há dúvidas: às vezes, a loucura é acompanhada de sintomatologia imprecionante de que merecemos correções, à medida que o processo de raciocínio lógico começa a tornar-se num evangeliário. Algum sinédrio tornar-se-á oprimido. Assim, o delírio pode ser um modo de tentar compreender suas próprias experiências, recorrendo a todas as faculdades de inferências, para se arranjar uma solução no fundo do poço, ao invés de sucumbência deste ciclo sinistro, o trabalho persistente e paciente pode alimentar a Esperança onde já se havia desistido dela. O lado sombrio do capitalismo está a deixar as pessoas mais negras do fraternalismo, sentem-se balanças desniveladas. Onde o prazer e o sofrimento podem ocorrer concomitantemente, transformou-se o mundo de um lugar de abundância excessiva para um lugar de escassez provocada, onde a capacidade de tolerância à dor diminui.

Tantas mentes para costurar, por intermédio do auto-comprometimento categórico, quando as balanças estiverem quebradas. Sacudir o pó das ideias fixas é o ocaso.

Pedro Pessela Nongava

Titulos em destaque:



HÓSTIAS DE JERIKÓ

CIPRIANO CHIMBALANDONGO

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 00 244 923 407 949

Projecto gráfico

Mukereng Cardoso



TODOS OS DIREITOS DESTA OBRA RESERVADOS

CIPRIANO CHIMBALANDONGO

Esta obra está protegida por

Leis de direitos autorais na "CPLP", "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais -

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens



9 789893 364031